

CÍRCULO BLAVATSKY



Editor:

JOÃO BATISTA BRITO PINTO

Editoria Executiva:

ALBERTO BRUM DE SOUZA (RS)

ALCYR ANÍSIO FERREIRA (SP)

CELSO BATALHA (RJ)

SILVIO DO PRADO FRIGO (BSB)

Revisão Geral:

BÊ FALCÃO ROZENWALD

Secretaria de Circulação:

ELISABETH AZEVEDO DE OLIVEIRA

CARMEM CARUSO

Correspondência Geral:

CÍRCULO BLAVATSKY

Rua da Imperatriz Leopoldina, 8 – 17º andar

RIO DE JANEIRO - RJ – CEP 20.060

a/c ELISABETH

SOCIEDADE TEOSÓFICA

Rua Anita Garibaldi, 29 – 10º 11º andar

SÃO PAULO - SP – CEP 01.018

O MAIS RARO DOS MANUSCRITOS OCULTOS

**A SANTÍSSIMA TRINOSOFIA DO CONDE
DE SAINT-GERMAIN**

NOTAS E COMENTÁRIOS

INTERPRETAÇÃO DE FIGURAS E TEXTO

M. P. Hall

CIBLA 06

ANO 1

O MAIS RARO DOS MANUSCRITOS OCULTOS

Este manuscrito invulgar, *La Très Sainte Trinosophie*, é de máxima importância para todos os estudantes de Franco-Maçonaria e Ciências Ocultas. Não só é o único escrito místico conhecido do Conde de St.-Germain, mas também é um dos mais extraordinários documentos relacionados com as Ciências Herméticas jamais compilado¹. Ainda que as bibliotecas de Rosacruzes e Cabalistas europeus contenham muitos tesouros raros da antiga erudição filosófica, é bastante duvidoso que alguma delas possua um tratado de maior valor ou significado que este. Há um boato persistente de que St.-Germain possuía uma biblioteca magnífica, e que ele preparou um certo número de manuscritos sobre as Ciências Secretas para uso de seus discípulos. Na época de sua morte ... ou desaparecimento ... estes livros e papéis sumiram, provavelmente indo parar nos arquivos de sua sociedade, e não há nenhuma informação digna de crédito à respeito de seu paradeiro.

Sabe-se que o misterioso Conde possuía antigamente uma cópia de um manuscrito do Vaticano sobre a Cabala, um tratado de extraordinária profundidade que mostra as doutrinas dos Luciferianos, Lucianistas e Gnósticos. O 2º volume da D.S. de H.P. Blavatsky (pág. 582-83 da edição original) contém duas citações de um manuscrito "que se supõe ser do Conde de St.-Germain". As partes dos parágrafos atribuídas ao adepto Húngaro não estão claramente indicadas, mas como o texto todo trata do significado dos números, é razoável supor que seus comentários são interpretações místicas dos números 4 e 5. Ambos os parágrafos são, em essência, similares ao *Puissance des nombres d'après Pythagore* de Jean Marie Ragon. O Mahatma Koot Hoomi menciona um "manuscrito cifrado" de St.-Germain que ficou com seu leal amigo e patrono o benevolente Príncipe Charles de Hesse Cassel (ver as *Cartas dos Mestres para A.P. Sinnett*). Referências comparativamente sem importância sobre St.-Germain, e especulações extravagantes à respeito de sua origem e do propósito de suas atividades européias são disponíveis em abundância; mas as pesquisas mais exaustivas da obra literária de escritores biográficos do século 18, à procura de informações sobre doutrinas maçônicas e metafísicas que ele divulgava, se revelaram infrutíferas.

Tanto quanto foi possível averiguar, a presente tradução e publicação de *La Très Sainte Trinosophie* proporciona a primeira oportunidade de se ter um trabalho que demonstra ... da maneira usual, velada e simbólica ... as doutrinas esotéricas de St.-Germain e seus associados.

La Très Sainte Trinosophie é o Manuscrito nº 2400 da Biblioteca francesa de Troyes. O trabalho não é muito extenso, consistindo de noventa e seis páginas escritas somente de um lado. A caligrafia é excelente. Apesar de um pouco irregular na ortografia e acentuação, o francês usado é acadêmico e dramático, e o texto está decorado com numerosas figuras, bem desenhadas e brilhantemente coloridas. Somando-se aos desenhos que ocupam página inteira há pequenos símbolos no início e fim de cada seção. Do começo ao fim do texto em francês há letras, palavras e frases espalhadas, em muitas línguas antigas. Há também símbolos mágicos, figuras semelhantes a hieróglifos egípcios, e umas poucas palavras em caracteres parecidos ao cuneiforme. No fim do manuscrito há um certo número de folhas escritas com criptogramas arbitrários, possivelmente o código usado pela sociedade secreta de St.-Germain. O trabalho provavelmente foi executado na última parte do século 18, apesar da maior parte do material pertencer a um período consideravelmente mais antigo. Com relação à história deste notável manuscrito, também pouco, infelizmente, se sabe. O ilustre mártir Franco-Maçom, o Conde Alessandro Cagliostro, levou esse livro, entre outros, consigo em sua infeliz viagem a Roma. Após a prisão de Cagliostro no Castelo San Leo, perdeu-se temporariamente todas as pistas do manuscrito. Eventualmente os bens literários de Cagliostro passaram às mãos de um general do exército de Napoleão, e deste oficial da morte, *La Très Sainte Trinosophie* foi comprado por um preço trivial pela Biblioteca de Troyes. Em seu *Musée des Sorciers*, Grillet de Givry adiciona alguma coisa às escassas notas à respeito do manuscrito. Ele afirma que o volume foi comprado no leilão dos bens

1 - Desde que este manuscrito foi publicado pela primeira vez, outro manuscrito de St.-Germain foi encontrado. Está em meu poder e logo será publicado. (M.P.H.)

de Messina; que no início do livro há uma anotação escrita por um filósofo que assinou "I.B.C. Philotaume" e que diz que o livro pertenceu a ele e era a única cópia existente da famosa *Trinosophie* do Conde de St.-Germain, cujo original o Conde mesmo destruiu em uma de suas viagens. A nota então acrescenta que Cagliostro tinha possuído o volume, mas que a Inquisição o tinha apreendido em Roma quando ele foi aprisionado no fim de 1789. (Deve-se lembrar que Cagliostro e sua esposa visitaram St.-Germain num castelo em Holstein). De Givry resume o conteúdo de *La Très Sainte Trinosophie* como "Alquimia cabalizada" e descreve St.-Germain como "um dos personagens mais enigmáticos do século 18 ... um alquimista e homem do mundo que penetrou nas salas de visita de toda a Europa e terminou caindo nos calabouços da Inquisição em Roma, se acreditarmos no manuscrito".

O título do manuscrito, *La Très Sainte Trinosophie*, traduzido para o Inglês significa *The Most Holy Trinosophia* ou *The Most Holy Three-fold Wisdom*. (Em Português, *A Santíssima Trinosofia* ou *A Santíssima Sabedoria Tríplice*) O título em si abre um campo considerável de especulação. Há alguma conexão entre *La Très Sainte Trinosophie* e a irmandade Maçônica de Les Trinosophists que foi fundada em 1805 pelo distinto Franco-Maçon e místico belga Jean Marie Ragon, a quem já nos referimos? O conhecimento de ocultismo possuído por Ragon é mencionado, em termos do mais elevado respeito, por H.P. Blavatsky, que diz que ele "estudou por cinquenta anos os mistérios antigos onde quer que os encontrasse". Não é possível que Ragon, quando jovem, ou conheceu St.-Germain ou entrou em contato com sua sociedade secreta? Ragon era designado por seus contemporâneos "o Maçon mais instruído do século 19". Em 1818, ante a Loja dos Les Trinosophists, ele proferiu palestras sobre a iniciação antiga e moderna, que repetiu à pedido da Loja em 1841. Estas conferências foram publicadas sob o título *Cours Philosophique et Interprétatif des Initiations Anciennes et Modernes*. Em 1853 Ragon publicou seu trabalho mais importante, *Orthodoxie Maçonnique*. Ragon morreu em Paris por volta de 1866 e dois anos mais tarde seus manuscritos inacabados foram comprados de seus herdeiros pelo Grande Oriente da França por 1000 francos. Um elevado Maçon disse a Madame Blavatsky que Ragon tinha correspondido durante anos com dois Orientalistas na Síria e no Egito, um dos quais era um cavalheiro Copta.

Ragon definiu a Loja dos Trinosophists como "aqueles que estudam três ciências". Madame Blavatsky escreve: "É nas propriedades ocultas das

três linhas iguais, ou lados, do triângulo que Ragon baseou seus estudos e fundou a famosa Sociedade Maçônica dos Trinosophists". Ragon descreve o simbolismo do triângulo, em essência, como se segue: O primeiro lado ou linha representa o reino mineral, que é o estudo próprio para os Aprendizes; a segunda linha representa o reino vegetal, que os Companheiros devem aprender a compreender porque nesse reino começa a geração dos corpos; a terceira linha representa o reino animal, e com a exploração deste o Mestre Maçon deve completar sua educação. Tem sido dito da Loja dos Trinosophists que "era antigamente a sociedade mais inteligente de Franco-Maçons jamais conhecida. Aderiu aos antigos Landmarks, mas deu interpretações mais claras e satisfatórias aos símbolos da Franco-Maçonaria do que as proporcionadas nas Lojas Simbólicas". Compreendia cinco graus. No Terceiro, os candidatos à iniciação recebiam uma explanação filosófica e astronômica da lenda Hirâmica.

A interpretação egípcianizada do simbolismo Franco-Maçônico, que é tão evidente nos escritos de Ragon e outros sábios maçônicos franceses do mesmo período (tais como Court de Gebelin e Alexandre Lenoir), também está presente nas figuras e no texto do manuscrito de St.-Germain. Em seus comentários sobre o Rito de Misraim, chamado o Rito Egípcio, Ragon caracteriza noventa graus de Mistérios Maçônicos. Do 1º ao 33º ele denomina simbólicos; do 34º ao 66º, filosóficos; do 67º ao 77º, místicos; e do 78º ao 90º, Cabalísticos. A Franco-Maçonaria Egípcia de Cagliostro pode também ter sido derivada de St.-Germain ou de algum outro corpo comum de Iluministas, do qual St.-Germain era o espírito vitalizador. As memórias de Cagliostro contêm uma afirmação clara de sua iniciação na Ordem dos Cavaleiros Templários pelas mãos de St.-Germain. De Luchet dá, o que um escritor moderno sobre Cagliostro chama, um relato fantástico da visita feita por Alessandro e sua esposa, a Condessa Felicitas, a St.-Germain na Alemanha, e suas subseqüentes iniciações por ele na seita dos Rosacruzes — da qual ele era o Grande Mestre ou chefe. Não há nada de improvável na pretensão de que Cagliostro recebeu *La Très Sainte Trinosophie* de St.-Germain e que o manuscrito é em todos os aspectos um ritual autêntico desta sociedade.

A palavra *Trinosophie* pressupõe um significado tríplice ao conteúdo do livro, em outras palavras que seu sentido deve ser interpretado com a ajuda de três chaves. Pelo simbolismo parece que uma das chaves é a alquimia, ou química da alma; outra, o Cabalismo Essênio; e a terceira o Hermetismo Alexandrino, o misticismo dos últimos egípcios. De

fragmentos que hoje existem, como os da erudição Rosacruz, é evidente que os Irmãos da Rosacruz eram especialmente devotados a estas três formas de sabedoria antiga, e escolheram os símbolos destas escolas para veicularem suas idéias.

O trabalho técnico de decodificação dos hieróglifos que aparecem por toda *La Très Sainte Trinosophie* foi realizado pelo Dr. Edward C. Getsinger, uma notável autoridade em alfabetos e línguas antigas, que está agora empenhado na decodificação dos criptogramas primitivos do Livro do Gênesis. Umas poucas palavras de suas notas darão uma idéia das dificuldades envolvidas na decodificação:

"Escritos arcaicos estão geralmente em um sistema de letra ou caracteres, mas aqueles entre os antigos que possuíam os mistérios sagrados da vida e certos ciclos astronômicos secretos, nunca confiaram esse conhecimento à escrita comum, mas inventaram códigos secretos para ocultar sua sabedoria dos indignos. Cada uma destas comunidades ou irmandades de iluminados inventou seu próprio código. Por volta de 3000 a.C. somente os Iniciados e seus escribas podiam ler e escrever. Nesse período os métodos mais simples de dissimulação estavam em uso, um dos quais era omitir certas letras das palavras de maneira que as letras restantes ainda formassem uma palavra que, todavia, tinha um sentido totalmente diferente. À medida que os anos passaram outros sistemas foram inventados, até que a habilidade humana foi sobrecarregada ao máximo no esforço de se ocultar e ainda assim perpetuar o conhecimento sagrado.

"A fim de se decifrar escritos antigos de natureza religiosa ou filosófica, é necessário primeiro descobrir o código ou método de dissimulação usado pelo escriba. Em todos os meus vinte anos de experiência como leitor de escritos arcaicos, nunca encontrei códigos e métodos tão engenhosos como os deste manuscrito. Somente em poucos exemplos há frases completas escritas no mesmo alfabeto; geralmente são empregadas duas ou três formas de escrita, com as letras escritas de cima para baixo, invertidas, ou com o texto escrito de trás para frente. Frequentemente as vogais estão omitidas, e às vezes muitas letras estão ausentes, constando apenas pontos para indicar seus números. Cada combinação de hieróglifos parecia desanimadora no início, contudo, após horas de análise alfabética minuciosa, uma palavra familiar poderia surgir. Esta dava uma pista para a língua usada e fixaria um lugar onde devia começar uma combinação de palavras,

e então uma sentença gradualmente apareceria.

"Os vários textos estão escritos em Hebreu Caldaico, Grego Jônico, Árabe, Siríaco, cuneiforme, hieróglifos gregos e ideógrafos. A idéia básica através de todo esse material é a aproximação do período quando a Perna do Grande Homem e o Barqueiro do Zodíaco se encontrarão em conjunção no equinócio e fim de um grande ciclo de 400.000 anos. Isto indica uma culminação de eras, como mencionado no Apocalypse: "Olhai! Fiz um novo céu e uma nova terra", significando séries de novos ciclos e uma nova humanidade.

"O personagem que reuniu o material neste manuscrito era realmente alguém cuja compreensão espiritual devia ser invejada. Ele encontrou estes variados textos em diferentes partes da Europa, sem dúvida, e está provado que ele tinha a exata compreensão de sua importância pelo fato de ter tentado ocultar quarenta textos antigos, incompletos, espalhando-os dentro das linhas de seu próprio documento. Contudo, seu próprio texto não parece ter qualquer conexão com estes escritos antigos. Se um decifrador for se guiar pelo que esse notável erudito escreveu, nunca decifraria o mistério oculto dentro das palavras enigmáticas. Há uma admirável estória espiritual escrita por esse Sábio, e uma outra mais maravilhosa ainda que ele entrelaçou dentro do esquema de sua própria narrativa. O resultado é uma estória dentro de uma estória".

A reimpressão do texto francês de *La Très Sainte Trinosophie* é um fac-símile fotostático completo do manuscrito original da Biblioteca Francesa de Troyes. O presente manuscrito é, sem dúvida, uma cópia, como afirmou "Philotaume". Os caracteres arcaicos e os hieróglifos revelam pequenas imperfeições de formação devido à inexperience do copiadador com relação aos alfabetos usados.

A considerável extensão das Notas e Comentários tornou recomendável colocá-los juntos no fim do trabalho, para não quebrar a continuidade do texto com freqüentes interpolações.

La Très Sainte Trinosophie não é um manuscrito para o principiante. Somente o estudo profundo e deliberado desvendarão seu complicado simbolismo. Apesar do texto ser tratado com a máxima simplicidade, cada linha é um profundo enigma. Uma leitura atenta e cuidadosa do livro, e meditação em seu conteúdo, convencerão o estudioso que ele foi muito bem designado "o manuscrito de ocultismo mais precioso que se conhece".

A SANTÍSSIMA TRINOSOFIA

do Conde de Saint-Germain

SEÇÃO I

É do abrigo dos criminosos, nas masmorras da Inquisição, que seu amigo escreve estas linhas para sua instrução. Com o pensamento nas vantagens inestimáveis que este documento de amizade obterá para você, os horrores de um cativeiro longo e pouco merecido parecem ser mitigados... Me dá prazer pensar que mesmo rodeado de guardas e embaraçado por correntes, um escravo ainda pode ser capaz de elevar seu amigo acima dos poderosos, dos monarcas que governam este local de exílio.

Meu caro Philochatus, você está prestes a penetrar no santuário das ciências sublimes; minha mão está a ponto de levantar para você o véu impenetrável que oculta dos olhos dos homens comuns o tabernáculo, o santuário onde o Eterno abrigou os segredos da natureza, mantidos para uns poucos privilegiados, os poucos Eleitos criados por sua onipotência para que possam Ver, e vendo, possam elevar-se após Ele na vasta expansão de Sua Glória e desviar sobre a humanidade um dos Raios que brilham à volta do Seu Trono dourado.

Se o exemplo de seu amigo provar ser uma lição salutar para você, eu abençoarei os longos anos de sofrimentos que os perversos me fizeram sofrer.

Dois obstáculos igualmente perigosos estarão constantemente ao seu redor. Um deles violaria os direitos sagrados de cada indivíduo. É o Abuso do poder que Deus tiver confiado a você; o outro, que traria sua destruição, é a Indiscricção... Ambos nascem da mesma mãe, ambos devem sua existência ao orgulho. A fraqueza humana os alimenta; eles são cegos, sua mãe os guia. Com a ajuda dela estes dois monstros repugnantes levam seu alento hediondo até mesmo dentro dos corações dos Eleitos do Senhor. A desgraça cairá sobre aquele que abusar dos presentes do céu a fim de servir suas paixões. A Mão Onipotente que fez os elementos se sujeitarem a ele, o quebraria como um frágil bambu. Uma eternidade de tormentos dificilmente poderia expiar seu crime. Os Espíritos infernais ririam com desprezo das lágrimas daquele cuja voz ameaçadora já os fez tremer freqüentemente no fundo de suas profundezas ígneas.

Não é para você, Philochatus, que eu esboço essa

cena terrível. O protetor da humanidade nunca se tornará seu opressor... O precipício, meu filho, que temo por você, é a Indiscricção, a ânsia imperiosa de inspirar perplexidade e admiração. Deus deixa aos homens o trabalho de punir o ministro imprudente que permita aos olhos do profano perscrutar o Santuário misterioso. Oh, Philochatus, que meus sofrimentos estejam sempre presentes em tua mente. Eu, também, conheci a felicidade, estava inundado com as bênçãos do céu e circundado com tal poder que mente humana não pode conceber. Comandando os gênios que governam o mundo, feliz na felicidade que criei, me deleitava no seio de uma família adorada, a felicidade que o Eterno concede à sua criança bem-amada. Um momento destruiu tudo. Eu falei, e tudo se desvaneceu como uma nuvem. Oh, meu filho, não siga meus passos.... Não deixe que o desejo fútil que brilha ante os homens o leve, também, ao desastre. Pense em mim, seu amigo, escrevendo a você deste calabouço, meu corpo alquebrado pela tortura. Lembre-se Philochatus, que a mão que traça estes caracteres exibe as marcas das correntes que a puxam para baixo. Deus me puniu, mas o que fiz para os homens cruéis que me perseguem? Que direito tem eles de interrogar o Ministro do Eterno? Eles me perguntam quais são as provas de minha missão. Minhas testemunhas são prodígios, e minhas virtudes são meus defensores — uma vida limpa, um coração puro. Mas, o que estou dizendo. Tenho ainda o direito de me queixar? Eu falei e o Senhor me descartou, desprovido de força e poder, para as fúrias do fanatismo voraz. O braço que podia derrotar um exército hoje dificilmente pode levantar as correntes que o puxam para baixo.

Eu vagueei. Devia agradecer à Justiça Eterna... O Deus vingador perdoou Sua criança arrependida. Um espírito etéreo penetrou dentro dos muros que me separam do mundo; ele se mostrou a mim com luz resplandecente e determinou a duração de meu cativeiro. Dentro de dois anos meus sofrimentos terminarão. Meus torturadores, ao entrar em minha cela a acharão vazia, e prontamente purificado

pelos quatro elementos, puro como o gênio do fogo, eu reassumirei a posição gloriosa para a qual a bondade Divina me elevou. Mas quão longe ainda está esse tempo. Como parecem longos estes dois anos para alguém que os passa em sofrimento e humilhação. Não contentes em me fazerem passar as mais horríveis agonias, meus opressores inventaram meios ainda mais revoltantes e seguros para me torturarem ainda mais. Lançaram a infâmia sobre minha prisão; eles temem que algum vapor mortal escape através da estreita fenda que relutantemente deixa penetrar um raio de luz em minha cela. Este, Oh Philochatus, é o mais cruel dos golpes que me lançaram.

Não sei se serei capaz de enviar esse documento até suas mãos... Julgo a dificuldade que terei para planejar um meio de fazer esse documento sair deste lugar de torturas, por aquelas que tive para escrevê-lo. Desprovido de toda ajuda, eu mesmo consegui os meios que precisava. A chama de minha lâmpada, algumas moedas e umas poucas substâncias químicas, inspecionadas pelos olhos alertas de meus atormentadores, produziram as cores que adornam esse fruto do lazer de um prisioneiro.

Tire proveito das instruções de seu infeliz amigo. Elas são tão claras que há perigo que caíam em outras mãos que não as suas... Lembre-se somente que todas as instruções o servirão... uma linha obscura, uma letra omitida o impedirão de levantar o véu que a mão do Criador colocou sobre a Esfinge.

Adieu, Philochatus. Não lamente por mim. A clemência do Eterno é igual à Sua justiça. Na primeira assembléia misteriosa você verá seu amigo novamente. Eu o saúdo em nome de Deus. Logo eu darei o beijo da paz no meu irmão.

SEÇÃO II

Era noite. A lua, encoberta por nuvens escuras, lançava uma luz incerta nos rochedos de lava que cercavam o Solfatara. Com a cabeça coberta com o véu de linho, levando nas mãos o ramo dourado, eu avançava sem medo em direção ao local onde me ordenaram que passasse a noite. Eu estava caminhando às apalpadelas sobre areia quente, que cedia a cada passo. As nuvens se juntaram acima de minha cabeça. Relâmpagos brilhavam através da noite e davam às chamas do vulcão uma aparência sangüínea. Por fim cheguei, e encontrei um altar de ferro onde coloquei o ramo misterioso... pronunciei as palavras formidáveis... instantaneamente a terra tremeu sob meus pés, o trovão ribombou... o Vesúvio trovejou em resposta aos repetidos estrondos; seus fogos se uniram ao fogo dos relâmpagos...

Os coros dos gênios se elevaram no ar e fizeram os ecos repetirem os louvores do Criador... O ramo sagrado que eu tinha colocado no altar triangular repentinamente se inflama. Uma fumaça grossa me envolve. Não consigo ver nada. Envolvido em escuridão, pareço descer para um abismo. Não sei quanto tempo fiquei naquela situação. Quando abri meus olhos procurei inutilmente pelos objetos que estavam à minha volta pouco tempo atrás. O altar, o Vesúvio, a região em volta de Nápoles, haviam desaparecido de minha vista. Eu estava numa vasta caverna, só, longe do mundo todo... Perto de mim estava um manto branco e longo; seu pano, frouxamente tecido, pareceu-me ser linho. Em um bloco de granito estava uma lâmpada de cobre sobre uma mesa preta coberta de palavras gregas indicando o caminho que eu devia seguir. Peguei a lâmpada e, após vestir o manto, entrei em uma passagem estreita cujas paredes estavam cobertas de mármore preto... Tinha três milhas de comprimento e meus passos ressoavam horivelmente debaixo de sua abóbada silenciosa. Por fim encontrei uma porta que se abria para um lance de degraus, que descí. Após ter andado um longo tempo pareceu-me ver uma luz vagueando à minha frente. Oculteí minha lâmpada e fixeí meus olhos no objeto que havia visto. Ele se dissipou, desvanecendo como uma sombra.

Sem vergonha do passado, sem medo do futuro, segui em frente. O caminho se tornava cada vez mais difícil... sempre confinado dentro de galerias compostas de pedra preta... não me atrevi a estimar a extensão de minha viagem subterrânea. Por fim, após uma longa marcha, muito longa, cheguei a uma câmara quadrada. Uma porta se abriu no meio de cada uma de suas quatro paredes; elas eram de cores diferentes e cada uma estava em um dos quatro pontos cardeais. Entrei na câmara pela porta norte, que era preta; a porta oposta era vermelha; a porta leste era azul e a que ficava em frente desta era de um branco ofuscante... No meio desta câmara havia uma massa quadrada; no seu centro brilhava uma estrela de cristal. No lado norte havia uma pintura representando uma mulher nua até a cintura; uma roupagem preta caía sobre seus joelhos e duas faixas prateadas adornavam seu traje. Em sua mão havia um bastão que ela colocava contra a testa de um homem em frente a ela, por cima de uma mesa apoiada em suporte único e que tinha em cima um cálice e uma ponta de lança. Uma chama repentina se elevou do chão e parecia se virar na direção do homem. Uma inscrição explicava esse quadro; outra indicava o meio que eu tinha que empregar para sair da câmara.

Após haver contemplado o quadro e a estrela eu estava para passar através da porta vermelha quando, movendo-se em suas dobradiças com um barulho terrível, ela se fechou à minha frente. Fiz a mesma tentativa com a porta de cor azul-celeste; ela não se fechou, mas um barulho repentino me fez virar a cabeça. Vi a estrela vacilar, se elevar do seu lugar, girar, e então arremessar-se rapidamente através da abertura da porta branca. Eu a segui imediatamente.

SEÇÃO III

Surgiu um vento forte e tive dificuldade em manter minha lâmpada acesa. Por fim vi uma plataforma de mármore branco, na qual subi por nove degraus. Ao chegar ao último degrau vi uma enorme extensão de água. À direita ouvi a queda impetuosa de torrentes; à esquerda uma chuva fria misturada com granizo caía perto de mim. Eu estava contemplando esta cena majestosa quando a estrela que havia me guiado até aqui e que estava oscilando vagarosamente acima de minha cabeça, mergulhou no golfo. Acreditando que eu estava seguindo as ordens do Mais Alto, atirei-me no meio das ondas. Uma mão invisível apanhou minha lâmpada e a colocou sobre minha cabeça. Enfrentei as ondas espumantes e lutei para alcançar a outra margem. Enfim vi no horizonte um fraco vislumbre e apressei-me em sua direção. O suor escorria pelo meu rosto e eu me esgotava em vãos esforços. A margem, que eu raramente podia discernir, parecia retroceder no mesmo grau que eu avançava. Minhas forças estavam se esgotando. Eu não temia morrer, mas morrer sem iluminação ... Perdi a coragem, e erguendo meus olhos lacrimejantes para a abóboda gritei: "Judica judicium meum et Redime Me, Propter Eloquium Tuum Vivifica Me." (Julgai-me vós e me liberte; pela Vossa eloquência faça-me viver). Eu dificilmente podia mover meus ombros cansados e estava afundando mais e mais quando vi um barco perto de mim. Um homem ricamente vestido o guiava. Notei que a proa estava na direção da margem que eu havia deixado. Ele chegou perto de mim. Uma coroa dourada brilhava em sua frente. "Vade Me Cum", ele disse, "Mecum Principium In Terris, Instruam Te In Via Hac Qua Gradueris". (Venha comigo, o mais notável do Mundo; mostrarei a você o caminho que tem que seguir). Imediatamente respondi a ele: "Bonum Est Sperare In Domino Quam Considerare In Principibus". (É melhor acreditar no Senhor do que se sentar entre os poderosos). Depois do que, o barco afundou, e o monarca com ele. Energia fresca pareceu correr por

minhas veias e eu consegui o objetivo de meus esforços. Achei-me numa praia coberta de areia verde. Um muro prateado estava à minha frente com dois painéis de mármore vermelho embutidos. Aproximando-me notei em um dos painéis uma escrita sagrada, o outro estava gravado com uma linha de letras gregas; entre as duas placas estava um círculo de ferro. Dois leões, um vermelho e o outro preto, apoiados em nuvens pareciam guardar uma coroa dourada acima deles. Também perto do círculo podia ser visto um arco de duas flechas. Li várias letras escritas nos flancos de um dos leões. Eu mal tinha observado estes diferentes emblemas quando eles se desvaneceram juntamente com o muro que os continha.

SEÇÃO IV

Em seu lugar um lago de fogo surgiu. Enxofre e betume encrespavam-se em ondas flamejantes. Estremeci. Uma voz alta ordenou-me que passasse através das chamas. Obedeci e as chamas pareciam ter perdido seu poder. Por um longo tempo caminhei dentro do incêndio. Cheguei a uma área circular onde contemplei um espetáculo deslumbrante, que pela graça do céu me foi dado desfrutar.


Quarenta colunas de fogo ornamentavam o salão no qual me encontrava. Um lado de cada coluna brilhava com um fogo brando vívido, o outro parecia estar na sombra: uma chama enegrecida o cobria. No centro deste lugar estava um altar com forma de serpente. Ouro esverdeado adornava suas escamas lavradas, nas quais as chamas circundantes estavam refletidas. Seus olhos pareciam rubis. Uma inscrição prateada estava colocada perto dela e uma rica espada estava no chão, em sua cabeça estava uma taça ... Ouvi o coro dos espíritos celestiais, e uma voz disse-me: "O fim de teus labores está perto. Pegue a espada e golpeie a serpente".

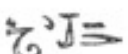
Tirei a espada de sua bainha e aproximando-me do altar tirei a taça com uma mão e com a outra dei uma terrível pancada no pescoço da serpente. A espada ricocheteou e a pancada ecoou como se eu tivesse golpeado um sino. Tão logo eu havia obedecido à voz o altar desapareceu e as colunas desvaneceram no espaço ilimitado. O som que eu tinha ouvido ao golpear o altar ecoou como se milhares de golpes fossem desferidos ao mesmo tempo. Uma mão pegou-me pelos cabelos e levantou-me até a abóboda, que se abriu para me deixar passar. Fantasmas sombrios apareceram à minha frente — Hydras, bruxas e serpentes me circundaram. A visão da espada em minha mão espalhava a multidão

repugnante como os primeiros raios de luz dissipam os delicados sonhos das crianças à noite. Após ascender diretamente através dos estratos que compõem as camadas do globo, vi novamente a luz do dia.


SEÇÃO V

Mal havia me elevado até à superfície da terra, meu guia invisível conduziu-me ainda mais depressa. A velocidade com a qual cruzávamos o espaço não podia ser comparada com nada, a não ser ela mesma. Num instante perdi de vista as planícies lá embaixo. Percebi com espanto que havia emergido das entranhas da terra bem longe da região de Nápoles. Um deserto e algumas massas triangulares eram os únicos objetos que eu podia ver. Logo, apesar das provações que eu havia passado, um novo terror me sobreveio. A terra parecia-me uma vaga nuvem. Eu havia sido elevado a uma altura tremenda. Meu guia invisível deixou-me, e eu caí. Por um longo tempo rolei através do espaço; a terra já se estendia ante minha confusa visão. Podia estimar quantos minutos passariam até que fosse esmagado nas rochas. Mas, tão rápido quanto o pensamento, meu guia arremessou-se ao meu lado, pegou-me e me elevou novamente e, novamente, deixou-me cair. Finalmente ele subiu comigo até uma distância imensurável. Vi globos revolvendo ao meu redor e terras gravitando nos meus pés. Repentinamente, o gênio que me conduzia tocou meus olhos, e desmaiei. Não sei quanto tempo fiquei nesta condição. Quando acordei estava deitado numa almofada suntuosa; o ar que eu respirava estava saturado com a fragância de flores ... Um manto azul enfeitado com estrelas douradas havia tomado o lugar de minha vestimenta de linho. Um altar amarelo estava do lado oposto ao meu, e dele ascendia uma chama pura sem qualquer substância para sua alimentação que não o próprio altar. Letras em preto estavam gravadas na base do altar. Uma tocha acesa estava ao seu lado, brilhando como o sol; esvoaçando acima estava um pássaro com pés pretos, corpo prateado, cabeça vermelha, asas pretas e um pescoço dourado. Estava em movimento constante sem, todavia, usar as asas. Ele podia voar somente quando estava no meio das chamas. Em seu bico havia

um ramoverde; seu nome é:  O

nome do altar é:  Altar, pássaro e tocha


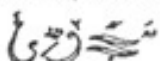
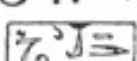
são o símbolo de todas as coisas. Nada pode ser feito sem eles. Eles próprios são tudo que é bom e

grande. O nome da tocha é: 

Quatro inscrições circundavam estes diferentes emblemas.

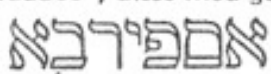
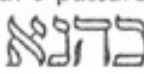
SEÇÃO VI

Voltei-me para o lado e percebi um palácio imenso, com a base apoiada em nuvens. Sua massa era composta de mármore, e sua forma era triangular. Quatro fileiras de colunas se elevavam uma acima da outra. Uma esfera dourada encimava o edifício. A primeira fileira de colunas era branca, a segunda preta, a terceira verde, e a última era vermelho brilhante. Eu pretendia, após ter admirado esse trabalho de artistas imortais, retornar ao palácio do altar, o pássaro e a tocha; desejava estudá-los mais. Eles haviam desaparecido e eu os estava procurando com meus olhos quando as portas do palácio se abriram. Um venerável ancião apareceu, vestido com um manto igual ao meu, exceto por um sol que brilhava em seu peito. Sua mão direita levava um ramo verde, a outra segurava um turíbulo. Uma corrente de madeira estava em seu pescoço e um turbante pontudo, igual ao de Zoroastro, cobria sua cabeça branca. Ele veio em minha direção, com um sorriso benevolente em seus lábios. "Ame a Deus", disse-me em persa. "E Ele que vos sustenta em vossas provações; Seu espírito estava convosco. Meu filho deixastes escapar uma oportunidade. Devias

ter agarrado rapidamente o pássaro 
a tocha  , e o altar .

Tu terias te tornado um altar, pássaro e tocha ao mesmo tempo. Agora, para alcançar o lugar mais secreto do Palácio das ciências sublimes, será necessário para vós atravessar todos os caminhos secretos. Venha ... primeiro tenho que apresentar-vos a meus irmãos". Pegou-me pela mão e introduziu-me num vasto salão.

Os olhos do profano não podem conceber a forma e riqueza dos ornamentos que o embelezam. Trezentas e sessenta colunas o circundavam por todos os lados. Suspensa de um anel dourado do teto, estava uma cruz vermelha, branca, azul e preta. No centro do salão havia um altar triangular composto dos quatro elementos; em seus três ângulos estavam o pássaro, o altar e a tocha. "Seus nomes agora estão mudados", disse meu guia. Aqui o pássaro é chama-

do  o altar  e a tocha

נפרית. O salão é chamado $\chi \lesssim$ e o altar triangular $\Lambda \Theta \Delta \Omega \Psi$. Em volta do altar estavam oitenta e um tronos, e a cada um se subia por nove degraus de alturas diferentes, com o piso coberto de carpete vermelho.

Enquanto eu examinava os tronos, uma trombeta soou e as portas do salão $\chi \lesssim$ giraram

em suas dobradiças, deixando passar setenta e nove pessoas, todas vestidas como meu guia. Vagarosamente elas se aproximaram e se sentaram nos tronos, enquanto meu guia continuava ao meu lado. Um ancião, distinguido de seus irmãos por um manto púrpura com a bainha coberta de caracteres bordados, levantou-se, e meu guia, usando a linguagem sagrada, disse: "Observem um de nossos filhos, pois é a vontade de Deus fazê-lo tão grande quanto seus pais". "Que a vontade do Senhor seja feita", respondeu o ancião, e virando-se para mim acrescentou: "Meu filho, vossas provações físicas chegaram ao fim ... Ainda há longas jornadas para empreenderdes. Daqui em diante vosso nome será

آلالماس. Antes de visitardes esse edifício, cada

um de meus oito irmãos e eu mesmo lhe daremos um presente". Ele caminhou para mim e com um beijo de paz deu-me um cubo de terra cinza cha-

mado $\chi \lesssim$; o 2º deu-me três cilindros de pedra preta chamados $\chi \lesssim$; o 3º uma peça pequena de cristal redondo chamado $\chi \lesssim$;

o 4º, um penacho de plumas azuis chamado $\chi \lesssim$; o 5º trouxe um vaso de prata que leva

o nome de $\chi \lesssim$; o 6º deu-me um cacho de uvas conhecido pelos sábios com o nome de

$\chi \lesssim$; o 7º presenteou-me com a figura de um pássaro similar em sua forma ao

$\chi \lesssim$, mas não tinha suas cores brilhantes,

era de prata. "Tem o mesmo nome", disse-me, "é para vos dar as mesmas virtudes". O 8º deu-me um pequeno altar, parecido com o

altar $\chi \lesssim$. Finalmente meu guia colocou e minhas mãos uma tocha composta, igual à $\chi \lesssim$,

de partículas brilhantes, todavia não estava acesa. "É para vós", ele acrescentou, "como aquelas que a precederam, para dar-vos as mesmas virtudes". "Refлита nestes presentes", disse então o sábio chefe. "Todos eles levam igualmente à perfeição, mas nenhum é perfeito em si mesmo. É da combinação de todos que o produto divino tem de vir. Saiba também que todos eles de nada servirão se não forem usados na ordem que recebestes. O 2º, que serve para o uso do 1º, continua sendo meramente matéria bruta sem calor nem utilidade, a não ser que, por sua vez, seja auxiliado por aquele que vem depois dele. Guardai cuidadosamente os presentes que recebestes e reinicie vossa jornada após beber a taça da vida". Depois disso deu-me uma taça de cristal contendo um líquido brilhante de cor açafrão; seu gosto era delicioso e exalava um aroma primoroso. Eu estava para devolver a taça, após ter umedecido meus lábios no líquido, quando o ancião disse: "Beba tudo, será vossa única nutrição durante vossas jornadas". Obedeci e senti um fogo divino correr por todas as fibras do meu corpo. Eu estava mais forte, mais corajoso: até mesmo meus poderes intelectuais pareciam ter dobrado.

Apressei-me a dar a saudação dos sábios para a augusta assembléia que estava para deixar, e ao comando de meu guia entrei numa longa galeria à minha direita.

SEÇÃO VII

A entrada desta galeria estava um vaso oval de aço, que com a minha aproximação encheu-se de água cristalina, purificada por fina areia branca. O vaso estava apoiado em três pés de latão. Um painel preto tinha muitos caracteres gravados do lado em frente à porta. Próximo ao vaso estava um pano de linho e acima do vaso duas colunas de mármore verde suportavam uma placa redonda de mármore. Via-se nela, circundada por duas inscrições, a figura do brasão sagrado formado de uma cruz em quatro cores, unida a um travessão dourado que sustentava¹ dois outros círculos concêntricos, o maior sendo preto e o outro vermelho. A uma das colunas

1 — Dois círculos que circundavam.

estava preso um machado prateado com cabo azul; é chamado קלקנתרם. Após ler as inscrições

fui até o vaso e lavei-me, primeiro as mãos, mas acabei mergulhando o corpo todo. Fiquei lá três dias, e ao sair da água vi que tinha sua transparência. A areia tinha se tornado acinzentada e partículas cor de ferrugem agitavam-se no fluido. Tentei me secar com o pano de linho, mas novas gotas d'água ocupavam o lugar daquelas que o linho tinha absorvido. Desisti de tentar secar-me com o linho e, mantendo-me na sombra, fiquei imóvel por seis dias inteiros. Ao fim deste tempo a fonte destas gotas tinha secado. Notei que eu estava seco e mais leve, apesar de meu vigor parecer ter aumentado. Após caminhar por algum tempo retornei ao vaso. A água que havia estado nele tinha desaparecido. Em seu lugar havia um líquido avermelhado; a areia era cinza e metálica. Novamente banhei-me nele, tendo o cuidado de ficar lá poucos momentos. Quando saí do vaso notei que havia absorvido parte do líquido. Desta vez não tentei secar-me com o pano, porque o líquido, com o qual eu estava saturado, era tão forte e corrosivo que teria destruído o tecido instantaneamente. Achei-me do outro lado da galeria, estendido numa cama de areia aquecida onde fiquei sete dias. Após esse tempo retornei ao vaso. A água estava como da primeira vez. Uma vez mais mergulhei nela e após ter-me lavado cuidadosamente saí. Não tive dificuldade em me enxugar. Finalmente, após haver-me purificado de acordo com as instruções que havia recebido, preparei-me para deixar essa galeria onde havia passado dezesseis dias.

SEÇÃO VIII

Deixei a galeria por uma porta baixa e estreita e entrei num aposento circular, cujos painéis de madeira eram feitos de freixo e sândalo. Na parte mais distante do apartamento, em um pedestal de videira, havia um monte de sal branco e brilhante. Acima estava um quadro mostrando um leão branco coroadado e um cacho de uvas; ambos se apoiavam numa bandeja sustentada no ar pela fumaça de um braseiro aceso. À minha direita e à esquerda duas portas se abriram, uma dava para uma planície árida. Um vento seco e quente soprava por ela continuamente. A outra porta se abria para um lago, onde se podia ver, em sua parte mais distante, uma fachada de mármore preto.

Aproximei-me do altar e peguei um pouco de sal branco e brilhante, que os sábios chamam

בזה רשם e esfreguei meu corpo todo.

Impregnei-me com ele e após ter lido os hieróglifos que acompanhavam o quadro, preparei-me para deixar a sala. Minha primeira intenção era sair pela porta que levava à planície mas de lá vinha um vapor quente e eu preferi sair pela porta oposta. Eu tinha a liberdade de escolha com a condição, todavia, de não voltar atrás ... decidi cruzar o lago; suas águas eram sombrias e dormentes. A uma certa dis-

tância vi claramente uma ponte chamada اشتك لاس.

Para alcançá-la eu seria obrigado a seguir as sinuosidades de uma praia cheia de pedras, então preferi atravessar o lago. Entrei na água que parecia tão grossa quanto cimento. Notei que era inútil nadar, pois meus pés tocavam o fundo em qualquer lugar. Caminhei no lago por treze dias. Por fim cheguei ao outro lado.

SEÇÃO IX

A terra era tão escura quanto a água que eu tinha atravessado. Uma rampa pouco perceptível levou-me até a base do edifício que eu havia visto de longe. Em sua longa fachada quadrada muitos caracteres estavam gravados, iguais àqueles usados pelos sacerdotes da Pérsia antiga. O edifício inteiro era feito de basalto negro irregular; as portas feitas de cipreste, abriram para me deixar passar. Um vento quente e úmido surgiu de repente e empurrou-me para dentro até o centro da câmara, ao mesmo tempo que fechava as portas atrás de mim ... Eu estava na escuridão, mas gradualmente meus olhos acostumaram com a luz escassa e eu pude notar os objetos circundantes. A abóbada, as paredes e o chão da câmara eram tão negros quanto ébano. Duas pinturas murais atraíram minha atenção; uma representava um cavalo, parecido com aquele descrito por nossos poetas como tendo causado a queda de Tróia. De seus flancos abertos, um cadáver humano se projetava. A outra pintura mostrava um homem morto há bastante tempo. Insetos repulsivos criados pela putrefação enxameavam em sua face e devoravam a substância que os havia criado. Um dos braços do cadáver, desnudado de sua carne, já mostrava os ossos. Um homem, vestido de vermelho, de pé ao lado do cadáver, tentava levá-lo. Uma estrela brilhava em sua testa; seus pés calçavam botas pretas. Acima, no meio e abaixo da pintura havia três painéis negros ostentando caracteres prateados. Li os caracteres e então passei o

tempo fazendo rondas na câmara onde tinha que passar nove dias.

Em um canto escuro achei um monte de terra preta engordurada e saturada com partículas animais. Eu estava quase pegando um pouco dela quando uma voz trovejante, como o som de trombetas, proibiu-me, dizendo: "Essa terra jaz nessa câmara há 87 anos somente. Quando treze anos mais tiverem passado, vós e os outros filhos de Deus poderão usá-la". A voz silenciou, mas seus últimos sons retumbantes continuaram a vibrar por muito tempo nesse templo de silêncio e morte. Após passar lá o tempo prescrito, parti pela porta oposta àquela pela qual tinha entrado. Novamente vi a luz, mas não era tão forte à volta da câmara, não fatigando, assim, meus olhos habituados à escuridão.

Notei, com surpresa, que para alcançar os outros edifícios tinha que atravessar um lago maior do que o primeiro. Caminhei na água por dezoito dias. Lembro-me que quando atravessava o primeiro lago, suas águas se tornavam mais negras e espessas à medida que eu avançava. As águas deste lago, ao contrário, se tornavam cada vez mais claras à medida que eu me aproximava da margem. Meu manto, que no palácio tinha se tornado tão negro quanto as paredes, pareceu-me ser de coloração acinzentada; gradualmente retomou suas cores, todavia, ele não se tornou inteiramente azul, ficando mais parecido com um bonito verde.

Após dezoito dias subi até a barragem por meio de uma plataforma de mármore branco. O nome da

câmara é צחן ראשון, o primeiro lago צחן ראשון e o segundo צחן אחרון.

SEÇÃO X

A alguma distância da costa, um palácio suntuoso elevava nas alturas suas colunas de alabastro; suas diferentes partes eram unidas por pórticos de cores flamejantes. O edifício inteiro tinha uma arquitetura leve e delicada. Ao me aproximar dos portais notei que a fachada estava decorada com a figura de uma borboleta. As portas encontravam-se abertas ... entrei. O palácio inteiro consistia de um único salão ... circundado por uma colunata tríplice, cada fileira constituída por vinte e sete colunas de alabastro. No centro do edifício estava a figura de um homem emergindo de uma tumba; sua mão, portando uma lança, tinha golpeado a pedra que o confinava. Seus quadris ostentavam uma vestimenta verde; ouro vislumbrava de sua bainha. Em seu

peito havia uma placa quadrada mostrando várias letras. Acima desta figura estava suspensa uma coroa dourada e a figura parecia lenvatar-se no ar para agarrá-la. Acima dela havia uma placa de pedra amarela com vários emblemas que eu entendi por meio da inscrição que vi na tumba e por aquela no peito do homem.

Fiquei neste salão, chamado سالن اژدر

tempo necessário para contemplar todos os seus corredores, e logo o deixei com a intenção de atravessar uma vasta planície para alcançar uma torre que eu havia percebido à alguma distância.

SEÇÃO XI

Pouco depois que havia descido os degraus do palácio, vi esvoaçando à minha frente um pássaro

parecido com o אפירכא, mas este,

todavia, tinha duas asas parecidas com asas de borboleta, ao lado das suas próprias. Uma voz, vindo de uma nuvem, ordenou-me que o agarrasse e prendesse, e eu arremessei-me atrás dele. Ele não voou mas usou suas asas para correr com maior rapidez. Eu o persegui; ele corria à minha frente e me fez percorrer a planície inteira várias vezes. Segui-o sem parar. Finalmente, após persegui-lo por nove dias, forcei-o a entrar na torre que eu tinha visto de longe quando estava deixando o אחרון.

As paredes deste edifício eram de ferro. Trinta e seis colunas do mesmo metal o suportavam. O interior era do mesmo material, incrustado com aço brilhante. As fundações da torre eram construídas de tal maneira a serem duas vezes sua altura. O pássaro tinha acabado de entrar nesse recinto quando um frio gelado pareceu dominá-lo. Em vão tentou mover suas asas entorpecidas. Ele ainda esvoaçava, tentando fugir, mas tão fracamente que o alcancei com a maior facilidade.

Peguei o pássaro e atravessando um prego de aço através de suas asas, o fixei no chão da torre com o

martelo chamado מלכוד

Eu mal havia acabado quando o pássaro adquiriu novo vigor. Ele não se moveu, mas seus olhos começaram a brilhar como topázio. Eu estava atento a ele quando minha atenção foi atraída por um grupo de pessoas no centro da câmara.

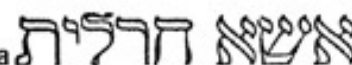
Nele se destacava um bonito jovem na riocidade da vida. Em sua mão levava um bastão com duas serpentes entrelaçadas. O jovem estava tentando escapar de um homem muito maior e mais forte que usava um cinto e um elmo de ferro encimado por plumas vermelhas esvoaçantes. Perto dele uma espada jazia num escudo pequeno coberto de hieróglifos. O homem armado levava em sua mão uma corrente pesada com a qual ele embaraçava os pés e o corpo do jovem, que tentava em vão libertar-se do seu terrível adversário. Duas tabuletas vermelhas mostravam caracteres.

Parti da torre e, abrindo uma porta entre dois pilares, achei-me num vasto salão.

SEÇÃO XII

O salão onde eu tinha acabado de entrar era perfeitamente redondo; parecia o interior de um globo composto de matéria dura e transparente, como cristal, para que a luz entrasse de todos os lados. Sua parte inferior apoiava-se numa vasta depressão cheia de areia vermelha. Um calor suave e constante preenchia este recinto circular. Os sábios cha-

mam esse salão . A depressão de areia

que o sustenta é chamada .

Com assombro eu observava esse globo de cristal quando um novo fenômeno excitou minha admiração. Do chão ascendia um vapor suave, úmido e de cor amarelo açafrão. Ele envolveu-me, elevou-me suavemente e durante trinta e seis dias conduziu-me até a parte superior do globo. Depois disso o vapor diminuiu; pouco a pouco eu descí e finalmente achei-me novamente no chão. Meu manto tinha mudado de cor. Era verde quando entrei, mas agora era vermelho brilhante. Um efeito contrário tinha acontecido com a areia onde o globo se apoiava. Gradualmente sua cor vermelha tinha se transformado em preto. Após terminar minha

ascensão eu permaneci mais três dias neste salão.

Após esse tempo eu o deixei a fim de entrar num local maior, circundado por colunatas e pórticos. No centro do lugar estava um pedestal de bronze suportando duas pessoas representando um homem forte e alto cuja cabeça majestosa estava coberta por um elmo coroadado. Uma vestimenta azul projetava-se através das malhas de sua armadura dourada. Em uma mão levava um bastão branco com certos caracteres, a outra mão ele estendia para uma bonita mulher. Sua companheira não usava roupas, mas um sol brilhava em seu peito. Sua mão direita levava três globos unidos por correntes douradas; um diagrama de flores vermelhas confinava seu bonito cabelo. Ela estava no ar e parecia elevar com ela o guerreiro que a acompanhava; ambos eram carregados por nuvens à volta deles. Nos capitéis de quatro colunas de mármore branco estavam quatro estátuas de bronze; tinham asas e pareciam tocar trombetas.

Atravessei o local e, subindo numa plataforma de mármore à minha frente, vi com admiração que eu tinha retornado ao salão dos Tronos (o primeiro que eu tinha entrado ao chegar ao Palácio da Sabedoria). O altar triangular ainda estava no centro do salão, mas o altar, o pássaro e a tocha tinha se juntado e formado um corpo único. Próximo a eles estava um sol dourado. A espada que eu tinha trazido do salão do fogo estava a poucos passos de distância, na almofada de um dos tronos; peguei-a e golpeei o sol, reduzindo-o a poeira. Eu então o toquei e cada molécula tornou-se um sol dourado igual àquele que eu havia destruído. Neste instante, uma voz alta e harmoniosa exclamou: "O trabalho está consumado". Ouvindo isso, os filhos da luz apressaram-se a se juntar a mim, as portas da imortalidade estavam abertas para mim, e a nuvem que cobre os olhos dos mortais estava dissipada. Eu VI, e os espíritos que presidem os elementos reconheceram-me como seu Mestre.

FINIS

NOTAS E COMENTÁRIOS

A Iniciação dentro dos Mistérios era definida pelos filósofos antigos como a suprema aventura da vida e como o maior bem que pode ser outorgado à alma humana durante sua curta permanência terrestre. Platão, no Fedro, assim escreve da suprema importância da aceitação aos Ritos sagrados: "Do mesmo modo, em consequência desta iniciação divina, nos tornamos espectadores de abençoadas visões, genuínas, sinceras e inalteráveis numa luz pura; e seremos nós mesmos puros e imaculados, e liberados desta vestimenta circundante que denominamos corpo, e ao qual agora estamos ligados como uma ostra à sua concha."

São Paulo também se refere à "experiência interna" pela qual chegamos a SABER. Ele diz, "Falamos de Sabedoria entre os perfeitos, não a sabedoria deste mundo, nem a dos Arcontes (Regentes) deste mundo, mas sabedoria divina em um mistério, secreta, que nenhum dos Arcontes deste mundo conhece." Uma iniciação é uma expansão da consciência para uma apreciação das realidades universais. As cerimônias místicas dos pagãos e Cristãos primitivos eram, todavia, os símbolos externos de processos internos. Através de ritos obscuros e meras aparências, os preciosos mistérios da perfeição eram transmitidos de idade para idade. O profano se satisfazia com a solenidade das formas externas e rituais, mas os Adeptos, aqueles que tinham recebido as chaves, utilizaram a sabedoria embutida nas alegorias para aperfeiçoarem suas faculdades espirituais internas. Origen, o mais místico dos patriarcas anti-Niceanos, em seu prefácio a S. João, admite a natureza dupla de todas as revelações teológicas: "Para os que vêem o sentido literal (ou *exoterici*) ensinamos o Evangelho da maneira histórica, pregando Jesus Cristo e sua crucificação; mas para os proficientes, incendiados pelo amor da Sabedoria Divina (os *esoterici*) comunicamos o Logos (a palavra)."

A Perfeição não é conferida: é conquistada. Os homens não se tornam sábios meramente testemunhando dramas sagrados... mais propriamente, pela compreensão deles. O simbolismo é a linguagem das verdades divinas, uma escrita pela qual se pode insinuar coisas que não é lícito revelar. "Pois os símbolos místicos são bem conhecidos por nós que pertencemos à Fraternidade". (Plutarco). Pela inicia-

ção o regulamento dos trabalhos é estabelecido. O homem divino e o divino no homem são levados à perfeição somente pelo trabalho. Os adeptos das antigas escolas eram "mestres Construtores sábios" com visão para ver, coragem para fazer e sabedoria para permanecer calados. "Há sigilo e discrição guardados em todos os Mistérios", escreveu Tertuliano, o criador da Latinidade eclesiástica.

Durante as cerimônias de iniciação, ao neófito era dada a LEI. As grandes verdades, pelas quais o universo se dirige à inevitável identidade com Deus, eram reveladas. Restava ao iniciado aplicar essa Lei e, através desta aplicação obter imortalidade consciente. Há uma bifurcação nos caminhos do conhecimento, na qual a prática diverge da teoria. O homem pode cumprir a Lei e assim, pela ação iluminada, atingir finalmente a perfeição, ou ele pode aceitar a expressão da Lei e, ignorando o espírito nela, continuar como está... imperfeito e não iluminado. Aquele que recebe o Logos e subsiste no espírito d'Ele cresce gradualmente em sabedoria. Os teurgistas Nazarenos disseram de alguém assim: "ele tinha um juramento". Ele estava dedicado a libertar sua parte interna do domínio dos sentidos exteriores e apetites. Diz Aretaeus, "Até que a alma esteja livre, ela atua dentro do corpo e é obscurecida por vapores e barro." Por vapores, significa, arcanamente, os apetites e excessos das emoções que são tão sem consistência quanto uma névoa; e por barro se quer dizer a indiferença da forma corporal.

Crescer em sabedoria é crescer em iluminação, pois por iluminação se deduz que os recessos interiores da razão são iluminados pela luz do Logos — o sol espiritual. Esse desenvolvimento da habilidade de saber pela disciplina filosófica é acompanhado por expansões de realização e apreciação. Estas expansões são o crescimento verdadeiro da alma, que cresce em direção à interioridade. Por esta razão, nos escritos sagrados, esta expansão da esfera de ação da alma é chamada iniciação. Pela iniciação a divindade encarnada inclina-se para a sua própria origem, o Bem eterno. As câmaras de iniciação são as "muitas mansões" através das quais

a divindade encarnada tem de passar, como se fosse através das sinuosidades tortuosas do labirinto de Creta. Ao longo de sua trajetória há muitas portas, através das quais se é introduzido para dentro das regiões mais amplas e luminosas de função e ação. A cada aumento em nossa habilidade de apreciar as magnitudes do plano divino, somos chamados de renascidos. Renascimento é passar de uma velha condição para um novo estado, de uma velha limitação para uma nova expansão. À medida que crescemos em conhecimento, nosso universo parece dilatar-se conosco, tomando como medida nossa nova constituição. A Sabedoria liberta.

As academias dos antigos Mistérios convidavam os mais sábios e melhores da humanidade a renunciar à sombra mortal da mundanidade e devotarem-se àqueles serviços que são verdadeiramente eternos. A perfeição do Eu é a Grande Obra, o início e o fim da sabedoria; o Eu perfeito é a oferta ideal e consumação da Grande Obra. Aquele que é perfeito é da maior utilidade para os outros, o maior bem para si mesmo e a oferta mais aceitável para o Mais Alto.

Com o colapso do velho mundo pagão e a corrupção da primitiva Igreja Cristã, os Mistérios deixaram de ser grandes instituições. Suas doutrinas estavam perdidas, seus astutos sacerdotes espalharam-se, e seus templos caíram em ruínas. Novas teorias, em grande parte superficiais e insuficientes, tomaram o lugar da sabedoria antiga; e a educação, divorciada de sua parte espiritual, lançou a base para o presente caos. Mas os sábios permaneceram fiéis aos Ritos antigos. Aqueles que haviam recebido os Mistérios, não poderiam, não iriam, esquecer. Reuniam-se em segredo, ensinaram em segredo, adoraram em segredo. O fogo do templo queimou nos corações de seus iniciados. As formas externas desintegraram-se; mas o espírito interno, fortalecido por sua participação em uma verdade eterna, era imortal. Para fora das trevas de uma civilização degenerada, através do deserto de séculos estéreis, e finalmente através do Mar Vermelho da Inquisição, os Místicos da Sabedoria Antiga conduziram triunfantemente a Arca de suas divinas promessas.

A assim chamada Idade Média foi uma era de fantástico simbolismo. Os Hermetistas inventaram complexos monstros apropriados dos deuses egípcios; os Cabalistas ilustraram velino (pergaminho) com figuras curiosas, selos pentagramas e grotescas assinaturas de demônios; os Alquimistas encheram vários volumes com fórmulas fantásticas contendo as propriedades místicas de sapos e sangue de dragão. No campo obscuro da superstição medieval também cresceu e floresceu a Rosa Mística, para ser finalmente sufocada pelas ervas daninhas do

fanatismo. Estes foram séculos estranhos, quando a fé desonesta tinha colocado a sabedoria em perigo. Todavia, quem se atreve a negar que as tradições místicas resistiram e, revestidas dos termos dos mitos e da química egípcios, estavam ainda disponíveis para aqueles que tinham olhos para perceber a verdade torturada?

Contra o fundo da ignorância dogmática e do formalismo sem sentido, distingue-se nítida e claramente a personalidade luminosa do Conde de St.-Germain. Mestre da Sabedoria Antiga, Sábio em verdades esquecidas, perito em todas as curiosas artes da antigüidade, instruído mais do que qualquer outro homem do mundo moderno, o misterioso Conde personificava em suas incríveis realizações as tradições metafísicas de cinquenta séculos. Milhares de vezes perguntou-se: Onde St.-Germain obteve Seu assombroso conhecimento das leis naturais? Como Ele eternizou-se de século a século, desafiando a decadência natural que leva príncipes, sacerdotes e pobres a um fim comum? St.-Germain era porta-voz e representante da Irmandade de filósofos que descendia em linha direta dos hierofantes da Grécia e do Egito. Ele tinha recebido a Palavra Divina. Pela sua sabedoria Ele confundiu os anciãos. A vida deste único homem levou a zero a presunção escolástica de dois mil anos.

La Très Sainte Trinosophie é extremamente importante, pois demonstra os processos espirituais que finalmente resultam no adeptado. É o diário da idade madura da alma. Também pode ser o registro real da própria aceitação de St.-Germain na Irmandade mística, da qual Ele finalmente se tornou o Grão-Mestre. Como o propósito do manuscrito era a instrução de discípulos já familiarizados com a terminologia secreta, o relato todo é demonstrado simbolicamente em fragmentos de ritual e alegoria derivados do cerimonial da era clássica. Apesar da primeira leitura só servir para desconcertar a pessoa, uma análise cuidadosa e profunda do texto gradualmente esclarece. Cada um descobrirá no texto aquilo que ele mesmo já saiba, o interpretará de acordo com o que ele mesmo é e o aplicará como desejar. Os símbolos são todas as coisas para todos os homens, mas abaixo da ampla diversidade de interpretações às quais eles são suscetíveis está uma sabedoria simples e inevitável que pode ser compreendida somente pelos verdadeiros sábios. Opiniões, teorias e crenças se dissolvem; na origem de todo emblema está um fato. Nosso manuscrito é rico destes fatos velados, e somos lembrados pelo autor, que nenhuma parte dele está sem um significado oculto.

La Très Sainte Trinosophie está dividida em doze seções. Cada uma é iluminada por um motivo

adequado. As primeiras seções parecem obter inspiração do ritual neo-egípcio chamado o Rito de Mênphis, e as provações do candidato são relacionadas diretamente com os quatro elementos — terra, água, fogo e ar. O grande modelo para o documento todo é o Zodíaco, aos signos do qual as doze seções estão relacionadas. O Zodíaco é o grande ciclo da alma e a passagem do sol através dos símbolos zodiacais é a fonte de onde os antigos e astutos sacerdotes derivavam autoridade para seus circunlóquios sagrados. Os antigos aceitavam o primeiro signo do zodíaco como o início, e o último signo como o fim de toda atividade mundana. De maneira semelhante, Áries simboliza o início da regeneração ou a entrada da alma na luz no equinócio vernal do ciclo filosófico, enquanto Peixes significava a conclusão da peregrinação sagrada e a consumação da *Magnum Opus*.

St.-Germain emprega principalmente símbolos alquímicos neste texto da *Sabedoria Tríplice*. De nenhuma maneira isso significa que Ele está tratando realmente de processos químicos, pois, como muitos dos grandes alquimistas concordaram, a fabricação de ouro material é a menor parte desta ciência. Para que a intenção de St.-Germain possa ser clara, e as correlações entre signos zodiacais e processos alquímicos se tornem evidentes, o seguinte esquema será útil:

ÁRIES (Calcinação)

Eliminação da alma animal através do calor. (Purificação pelo fogo da aspiração).

TOURO (Congelação)

A união das partes; a realização do uni-direcionamento ou propósito.

GÊMEOS (Fixação)

A condição de se tornar fixo, a fixação da vontade.

CÂNCER (Dissolução)

Dissolver ou suspender num estado fluido; a universalização da personalidade.

LEÃO (Digestão)

Amolecer pelo calor e umidade; aperfeiçoar a mente em sabedoria (calor) e imaginação (umidade).

VIRGEM (Destilação)

A separação do princípio volátil da substância; a liberação da alma de seu envolvimento na limitação corpórea.

BALANÇA (Sublimação)

O refinamento dos corpos elementais; o aumento

das harmonias vibratórias do corpo.

ESCORPIÃO (Separação ou Putrefação)

A morte filosófica; uma deterioração artificial pela qual os elementos espirituais e materiais são separados um do outro.

SAGITÁRIO (Incineração)

Consumação da escória; o fogo da alma consome o corpo externo.

CAPRICÓRNIO (Fermentação)

A conversão da substância orgânica em novos compostos por um fermento; a construção do Homem Dourado.

AQUÁRIO (Multiplicação)

O processo de crescimento; adepto.

PEIXES (Projeção)

O processo de transmutar substâncias comuns em ouro; a perfeição da obra; imortalidade; na tradição oriental, Budado.

A organização destes símbolos e processos difere num grau menor entre os vários escritores, mas o princípio é sempre o mesmo — transmutação do não-Eu no Eu; a coloração da vida externa com a beleza interna; a projeção da alma sobre seu ambiente físico; a sublimação do mal no bem; a multiplicação da beleza, amor e verdade até que finalmente o pó da transmutação (sabedoria) impregne o mundo todo. Os alquimistas nos dizem que uma minúscula partícula do "Leão Vermelho" pode transmutar no mais puro ouro centenas de milhares de vezes seu próprio peso. A Sabedoria — e somente a sabedoria — pode realizar isso, pois um homem sábio pode aperfeiçoar os séculos, e uma pequena verdade pode, com o tempo, crescer tanto que o universo não poderá contê-la.

Um ritual não diferente do contido neste texto é mostrado no Popol Vuh, o livro sagrado dos índios Quiché da América Central. O neófito, em sua busca por sabedoria, passa em sucessão através de doze testes: Atravessa um rio de sangue (Áries) e em seguida um rio de lama (Touro), revela uma desculpa (Gêmeos), entra na casa da escuridão (Câncer), em seguida na casa dos tigres (Balança), a casa do fogo (Escorepião), e a casa dos morcegos (Sagitário) onde ele morre (incineração). O quadro no início da 9ª Seção do texto de St.-Germain descreve a morte. O corpo do neófito índio é queimado num palanque (Capricórnio), as cinzas são espalhadas no rio (Aquário), e se transformam num homem-peixe (Peixes), em cuja forma o iniciado,

que completou o ciclo, destrói o gênio do mal que foi seu adversário no ritual iniciatório. Os doze Príncipes de Xibalba, que são os Guardiães dos Mistérios, são, é claro, os deuses zodiacais.

Enquanto seguimos St.-Germain dentro dos leitos de lava do Vesúvio, nós realmente "caminhamos no portal de Persephone". O seguimos em sua busca pela verdade. Agora lemos apenas os símbolos e compreendemos apenas em parte, mas finalmente temos que realizar como Ele realizou e enfrentar o método universal com a mesma coragem elevada que o estimulou até o mestrado. Seus símbolos são do Livro da Vida, e apesar de não vermos nos acontecimentos e incidentes de todo dia os testes que Ele descreve, ainda assim cada um, em

sua própria esfera de experiências, encara os mesmos riscos aqui definidos. Vagueamos nas cavernas da incerteza; as formas fantasmagóricas da dúvida nos atormentam; o medo dissipa nossa força, o egoísmo, nossa visão, e a ignorância, nossa coragem. Mas somos todos alquimistas no laboratório da vida: cada um está destilando o elixir da experiência. No devido tempo cada um terá realizado a perfeição deste misterioso fluido alquímico, e com ele impregnará seu mundo e a si mesmo. Em cima dos vis metais da presente era ele espalhará o pó mágico que sua alma descobriu; as Idades do Ferro, Prata, Cobre e do Chumbo se dissiparão, e a Idade de Ouro dos filósofos resplandecerá.

INTERPRETAÇÃO DE FIGURAS E TEXTO

SEÇÃO I

(Figura 1). O título bastante decorado do manuscrito é uma chave valiosa para a interpretação do trabalho todo. De Givry assim descreve o emblema: "O simbolismo deste autor é influenciado pelos egípcios, conforme o costume da época. No emblema-título do trabalho ***encontramos ***o pássaro de Hermes, uma árvore com frutos dourados e um vaso no qual a obra é realizada, a matéria primitiva sob a forma de uma bola circundada por duas asas, e um triângulo luminoso contendo o Nome Divino". Em outro lugar ele acrescenta: "O nome hebreu EL está do lado direito com outro nome divino mais embaixo, escrito em árabe; as letras AB perto do último são indicativas do alfabeto e representam a Palavra — a Palavra Divina. À esquerda está uma inscrição em hebreu tomada dos primeiros versos do Livro de Gênesis: "E a terra estava sem forma e vazia (*Tohu-vah-Bohu*); e a escuridão cobria a face do abismo. E o Espírito de Deus (*Puach Elohim*) movia-se sobre a face das águas".

As letras no triângulo dourado não formam o nome sagrado *Jehovah* mas, quando decodificadas revelam as enigmáticas palavras: "Respire após este Uno". Que o "alento da alma" dos Cabalistas é deduzido torna-se evidente pelas asas atrás do falcão de *Ra* no canto superior esquerdo. O segundo quadrado ao alto à direita é de interesse Maçônico especial. Um candidato à iniciação nos Mistérios se coloca numa postura simbólica ante o altar — com "um pé fora e um pé em cima". As letras hebréias *AL (EL)* no pequeno círculo é um dos dez nomes Cabalísticos de Deus, significando "Deus, o criador", e é associado com a *Sephira Chesed* ou Compaixão. As letras *AB* são a assinatura mística do escritor, que era um "pai" (*abba*) ou mestre da sabedoria secreta. As letras são também uma abreviação para um processo alquímico. O "nome divino" árabe consiste realmente em palavras hebréias escritas em caracteres arábicos que se lê: "O Senhor, o Mais Alto, purifica". A inscrição hebréia no canto inferior esquerdo, apesar de ser inquestionavelmente o segundo verso do primeiro capítulo de Gênesis, não se lê como na Versão Autorizada. Os caracteres foram mudados, e o sentido alterado

para se ler em essência: "E a terra será um deserto desolado. Lá haverá lamentações, o ódio e a consternação cobrirão a Face. E o Alento de *El-him*, devido à presença do espírito, destruirá aqueles que se afastaram de Deus".

Análise do texto

No capítulo de abertura deste manuscrito, St.-Germain ingenuamente descreve o estado "relapso" da alma humana. O calabouço da Inquisição é o campo da consciência animal do homem. O mundo físico, dominado por impulsos inquisitoriais, constitui a câmara de torturas da alma e lugar de provas. Para o sábio o universo material é a antecâmara onde se reúnem aqueles que esperam aceitação nos sagrados ritos. Quando o Conde fala de "este lugar de exílio" e dos "monarcas que controlam-no", Ele se refere ao universo ilusório e aos "príncipes deste mundo". Aqui está o mito de Prometeu, o Titan encadeado ao Cáucaso pela indiscrição, e Lúcifer acorrentado ao poço sem fundo pelo orgulho.

Através das primeiras páginas se pode traçar a alegoria do Filho Pródigo. Primeiro é descrito o estado heróico da humanidade durante a Idade de Ouro, antes que o pecado e a morte surgissem no mundo. St.-Germain descreve-se "inundado com as bênçãos do céu e circundado com tal poder que a mente humana não pode conceber". O Conde então escreve que "um momento destruiu tudo" O mistério da Queda do Homem nunca foi revelado ao profano. A grande lei cíclica que arrastou as hostes de Chispas flamejantes para dentro do abismo é conhecida somente dos eleitos. Nas trevas do caos os espíritos rebeldes estabeleceram seu mundo. Eles construíram o cosmos e foram aprisionados dentro de cada um dos elementos materiais que tinham desejado à existência. Quando a terra inferior tinha sido completada, o grande Pai desejou atrair de volta para Si Sua criação exuberante. Para realizar isso Ele causou a emissão, de Seu próprio ser, da Sua PALAVRA — o *Soter* ou *Messiah*. Descendo da Morada da Luz, esse Arconte celeste diminuiu seu esplendor, e envolvendo sua glória nos

mantos negros da terra, tomou sobre si a cruz dos ciclos.

Para os gnósticos, o universo físico era composto dos refugos do espírito. Era o abito do espaço. A existência material era punição da natureza para a rebelião dos anjos. Isso era claramente demonstrado nos rituais iniciáticos que ensinavam que os homens renasciam em corpos terrestres como punição pelo pecado. Aqueles que se aperfeiçoavam não renasciam mais, mas, como *Buddha* na Grande Liberação, passavam ao Nirvana dos sábios — um estado sem nascimento nem morte. Dos calabouços da materialidade os sábios libertam-se pela prática de seus ritos esotéricos. Perfeitos em sabedoria, estes iniciados rompem a parede adamantina da esfera mortal e emergem na Luz de Deus.

A interpretação alquímica diz respeito aos espíritos elementários aprisionados nas formas físicas dos elementos. Deve ser notado que em seu comportamento através das provas iniciáticas, St.-Germain identifica-se com a substância da qual a Pedra Filosofal será formada. Ele é a matéria alquímica passando através dos doze ciclos de refinamento. Assim se torna evidente que os alquimistas reconheciam que sua Grande Obra consistia na transmutação de si mesmos. A terra (o calabouço) está preenchida com as almas-semente de metais preciosos; aqui eles foram guardados esperando a Arte e a Sabedoria. Assim como o ouro existe dentro de cada grão de areia, mas é incapaz de se manifestar a não ser que seja estimulado por processos alquímicos, também as sementes da verdade, beleza e conhecimento existem dentro da terra negra do organismo animal do homem. O crescimento e perfeição destas preciosas virtudes é estimulado pela disciplina e na plenitude do tempo todos os impulsos e propósitos egoístas são transmutados no ouro do poder da alma.

SEÇÃO II

(Figura 2). Em suas notas sobre a *Trinosophia*, De Givry interessa-se somente pela importância alquímica do simbolismo desta figura. Ele diz que esta figura representa “um homem olhando dentro de uma taça profética, formando um espelho mágico. Os signos associados do sol e da lua são vistos contra o pedestal da mesa; no alto da figura a superposição de retângulos de cores diferentes, indica as fases da obra; e o signo duplo do *lingam* em um círculo lembra o macho e a fêmea herméticos. Uma inscrição em letras gregas e caracteres combinados dá a fórmula para a composição do Ouro, ou o Rei-Sol, por meio de uma mistura de ouro e pra-

ta regenerada por mercúrio vital; ligado ao retângulo azul, que dá esta fórmula, está um retângulo vermelho, mais abaixo, inscrito com a regra para o fogo da fornalha em caracteres Hebreus”.

Uma análise mais cuidadosa nos inclina a suspeitar de um significado mais profundo. O círculo superior à direita, apesar de possivelmente fálico em seu sentido superficial, é realmente um monograma oculto ou selo contendo duas letras gregas. Traduzidas significam “a Luz de Deus” ou “a Luz da Revelação”. Os retângulos no alto à esquerda são os elementos. A disposição deles é oriental. Os quatro inferiores são coroados pelo quinto — a quintessência, o misterioso Éter dos sábios. A inscrição do painel superior descreve a vivificação da alma-semente pela vivacidade do quadrante oriental (Áries). Há também referência ao alento que se move no vaso, ou em cima das águas. O nº 62 aparece, acompanhado pela advertência de abrir o portão celeste (clarividência) com a ajuda do vaso ou taça. A taça (arca) contém as Águas de *Lethe*, que por terem dela compartilhado, as almas descendo à geração perdem toda a memória de sua origem celeste? Ou contém as Águas de *Mnemosyne* que flui no portão da sabedoria e da qual os adeptos bebem, a água da recordação pela qual a alma lembra sua própria substância e origem?

A figura feminina é Ísis em seu papel de iniciadora. Ela é a Natureza, e sua saia preta é o mundo material que oculta parte do seu corpo. O homem nu é o neófito. Ele veio nu ao mundo e despido terá que renascer novamente. Privado de todo adorno, despojado de posição e poder, ele deve levar ao templo nada do que tenha — só o que ele é.

A mesa sustentada pelo Sol e a Lua, e na base da qual queima o fogo eterno, é o mundo. Os objetos em cima dela, ou segurados por Ísis, são três da série de símbolos que aparecem nas cartas do Tarot. O esquema todo, de fato, não é diferente daquele naipes do Tarot maior que é chamado *Le Bateleur*, o Ilusionista. A taça é o símbolo da água, a ponta de lança é o símbolo do fogo e a varinha, do ar. Fogo, ar e água são os símbolos do grande Agente Mágico. Seus nomes em hebreu são *Chamah*, *Ruach* e *Majim*, e pela Cabala a primeira letra de cada uma destas palavras — Ch, R e M — constituem Chiram, conhecido pelos Franco-Maçons como Hiram. Esta é a essência invisível que é o pai dos quatro elementos, e designa-se a si mesma *Chiram Telat Mechasot* — *Chiram*, o Agente Universal, um em essência, três em aspecto, na qual está oculta a Sabedoria do mundo todo.

Os caracteres hebreus no painel acima da cabeça de Ísis são traduzidos como: “Por causa da angústia

tia eles se apegarão ao Dispensador”, que significa que aqueles (os sábios) que se tornaram cansados dos assuntos mundanos se voltarão para a sabedoria, o dispensador de todas as coisas boas.

Análise do texto

O relato do ritual iniciático começa agora. O discípulo esperou a hora apropriada no sombrio universo material que é o útero dos Mistérios. O processo do nascimento filosófico ocorre de acordo com a antiga e imutável Lei. O neófito, vendado e levando o Ramo Dourado (o visco), avança em direção ao altar de ferro.

A escolha do Vesúvio como cenário para a iniciação é extremamente apropriada. A abertura do vulcão leva para baixo dentro das camadas subterrâneas da terra onde habitam as divindades subterrâneas, que têm de ser propiciadas primeiro. O vulcão é também o símbolo da caldeira alquímica. O véu significa que o neófito alcançou o estado *mystae* — aquele que percebe através de um véu, ou, nos Mistérios Cristãos, “como através de um vidro escurecido”. Pliny refere-se ao visco como o “cura-tudo”. Era presumivelmente o Ramo Dourado dado a Aeneas como passaporte para regiões infernais. Sir James Frazer assim comenta sobre a cerimônia iniciática mostrada por Virgílio:

“Se o visco, na forma de um ramo seco amarelo dos melancólicos bosques de outono, era considerado conter a semente do fogo, que companheiro melhor um viajante solitário nas regiões inferiores poderia levar consigo do que um ramo que podia ser uma lâmpada para seus pés bem como uma vara e bengala para suas mãos? Assim protegido ele corajosamente enfrentaria os horríveis espectros que cruzassem seu caminho em sua ousada jornada. Por esta razão, quando Aeneas, saindo da floresta, aproxima-se da margem do Styx, que serpenteia vagarosamente com uma morosa corrente através do pântano infernal, e o barqueiro carrancudo recusa-se a levá-lo em seu barco, ele tem apenas que pegar o Ramo Dourado e levantá-lo, e imediatamente o fanfarrão treme ao vê-lo, e humildemente recebe o herói em sua insensata barca que afunda bastante na água sob o peso incomum do homem vivo”.

O visco é um parasita, e como tal simboliza o homem celeste dentro do corpo mortal. A alma cresce do corpo e no corpo, mas não é dele, pois assim como a árvore obtém sua nutrição da terra, o corpo também recebe seu sustento de fontes materiais; mas o visco deriva sua vitalidade não da argila negra mas da árvore e do ar. Diz-se que o visco é luminoso na escuridão, e tem sido chamado a

tocha do sábio. Sua luminosidade é a luz dos órgãos internos — a aura do cérebro. Aquele que conduz o ramo declara sua aptidão para receber a iniciação.

O neófito coloca o ramo sobre o altar de ferro; ele se entrega à lei, assumindo as responsabilidades do progresso espiritual. A Palavra sagrada é pronunciada. O Ramo santificado irrompe em chamas; o sacrifício é aceito. A terra se abre. Para baixo, através das Abóbadas Reais como se fosse dentro de um grande abismo, passa o candidato. A névoa se dissipa, revelando uma vasta caverna — a mãe tenebrosa da qual todas as coisas tem de vir — parecida em seu significado à caverna das ninfas de Porfírio. O longo manto branco é a vestimenta sem costura do Nazareno, tecido com o infinito fio da experiência. A lâmpada de cobre é amor iluminado, sem o qual nenhum homem pode seguir a estreita senda da sabedoria. Vestido com a pureza, iluminado com a compaixão e o conhecimento, o neófito segue a negra passagem abobada que leva à imortalidade.

Após uma grande distância a passagem termina num aposento quadrado com quatro portas. Esta é a Sala da Decisão. As portas significam a direção que a alma pode seguir. A porta negra é a senda do ascetismo e trabalho; a vermelha é a da fé; a azul é a da purificação, e a branca é a do adepto e dos Mistérios mais elevados. No *Bhagavad-Gita*, Krishna descreve estas sendas e aqueles que as seguem, e revela que a última é a mais elevada e perfeita.

O neófito entra através da porta negra do ascetismo e do trabalho, e está para passar pela porta vermelha do amor iluminado quando ela se fecha ante ele. Então ele se volta para a porta da purificação e sacrifício mas esta não o admite. Então a estrela, símbolo de seu demônio fundamental ou gênio, arremessa-se pela porta branca. O destino decretou o adepto. O neófito segue sua estrela.

O significado alquímico deste relato revela que no começo da Grande Obra o poder da escolha é dado ao operador, para que possa decidir o fim para o qual seu trabalho será dirigido. A porta negra representa a confecção de ouro material; a vermelha, o Medicamento Universal para a cura das nações; a azul, o Exlixir da vida, e a branca, a Pedra Filosofal. Pela porta escolhida descobrimos qual aspecto da Grande Obra nosso autor pretendia.

SEÇÃO III

(Figura 3). Dois leões, um vermelho e o outro preto, guardam a Coroa. A Coroa é *Kether*, a fonte da sabedoria. O rei dos animais simboliza nobreza e dignidade. Nos tempos antigos figuras de leões adornavam os tronos dos príncipes. Estes animais

eram também guardiões de portões, e no Egito a Esfinge, a leoa com cabeça humana, guardava a entrada da casa dos Mistérios.

A inscrição no flanco do leão está invertida. Um símbolo invertido significa um poder pervertido: assim, nobreza se torna tirania e grandeza leva ao despotismo. Na introdução ao seu livro, St.-Germain adverte seus discípulos de dois adversários que o neófito tem de superar. Um ele denomina abuso de poder e o outro indiscrição. O leão negro representa tirania e o vermelho, luxúria. Aqueles que realizarão a sabedoria tem que dominar estes animais se querem alcançar a Coroa que jaz além. O leão negro é a tentação do poder — o ímpeto de construir um império temporal em um universo espiritual. O leão vermelho é a tentação de possuir. Seus instrumentos no corpo humano são as percepções sensoriais que desviam o candidato aspirante de seu sagrado caminho e o levam para dentro da região fantástica dos desejos e apetites. Não deve haver compromisso com estes monstros da perversão.

Com a aparição surgem, pendurados, o arco da vontade e duas flechas com ponta de lança. O arco deve ser rapidamente empunhado e uma seta deve ser lançada ao coração da cada animal. "Mate o desejo", determina o mestre oriental. "Assassine a ambição", escreve o sábio ocidental. As nuvens, sobre as quais estão os leões, significam a irrealidade do esplendor e formalidades mundanos, enquanto que no céu claro acima, a Coroa Dourada paira sem apoio. A Sabedoria é um apoio suficiente para si mesma, mas todos os outros corpos e condições dependem, para seu sustento, da delicada substância "de que são feitos os sonhos".

O painel acima dos leões ordena que o homem deve ajoelhar-se e adorar o Deus todo-poderoso que enviou Seu amor num esplendor alado do primeiro ângulo do mundo. (Áries). Ele também informa que o sexto signo, que é forte e poderoso, é o fim e conclusão das idades. Virgem, o sexto signo do zodíaco, é símbolo do serviço e renúncia pelos quais os leões podem ser dominados. Aquele que dá a vida pela sabedoria receberá vida mais plena.

Abaixo dos leões está um painel contendo caracteres gregos que significam: "Cada um tem que se borrfar com seu próprio vinho da montanha de Chios. Ele tem que beber a Deus diante da floresta. Ele tem que dar-se em troca daquilo que anseia". Estas palavras são de um velho ritual. A floresta era símbolo de Dionísio e era em honra deste deus da floresta e da videira que o ritual da Comunhão foi primeiramente estabelecido. Beber do próprio sangue ou borrfar-se com seu próprio vinho é ser

imerso ou impregnado pelo poder da alma interna. A fermentação era a presença de Baco ou a vida no suco da uva, e os gregos usaram o símbolo da intoxicação, como também o fizeram os sufis do Islã, para representar o êxtase. Um homem em estado de êxtase era descrito por eles como "intoxicado por Deus".

Análise do texto

A primeira iniciação é a da terra, representada pelas galerias da região subterrânea do vulcão. Para superar este teste o corpo tem que ser subjugado em todas as suas partes e se tornar um instrumento perfeito da vontade iluminada. Os átomos e moléculas corporais têm que ser levados a vibrarem de uma nova maneira até que não exista parte da estrutura física que não pulse com a energia espiritualmente dirigida.

O segundo mistério na ordem do Rito de Mênphis é o da água, e no início desta seção o candidato encontra-se de pé na margem de um vasto lago subterrâneo. Este é o oceano de éter que separa os dois mundos. É o corpo unido da terra, a esfera da geração. Aquele que quiser alcançar o mundo invisível tem que cruzar esse mar, isto é, se tornar mestre dos poderes geradores da natureza. Guiado pela estrela resplandecente, o candidato se atira no meio das ondas. Com sua lâmpada sobre a cabeça (o fogo do espírito elevado dentro da glândula pineal) ele luta pelo domínio sobre as correntes do mundo etérico. Sua força declina, e ele apela à Causa Universal. Surge um barco, e sentado nele o rei da terra com uma coroa dourada em sua frente. Mas o barco se dirige de volta para a margem da qual o neófito veio. O homem coroado oferece os reinos da terra, mas o discípulo da sabedoria que se elevou acima destas coisas não pode ser assim tão facilmente tentado. Fortalecido pela coragem da decisão correta e auxiliado pelos gênios invisíveis, o candidato abre seu caminho até a margem distante. Ante ele se eleva o muro prateado da lua, a senhora do mar, cujo domínio ele passou.

A iniciação do fogo o aguarda. Tendo dominado o princípio vital da natureza pela qual o crescimento e a propagação são controlados, o candidato, em seguida, encara a ambição, o fogo do orgulho e a tirania flamejante do excesso emocional. Ele vê os leões, símbolos do fogo. A chave para o rumo da ação é dada pelos hieróglifos. Os leões, os escritos e o muro se dissolvem. O caminho estende-se através da região da chama eterna.

O aspecto alquímico do simbolismo é o da purificação ou a passagem dos elementos da Pedra através de um banho. Neste processo de purificação

eles passam de um estado terreo para uma qualidade ígnea ou gasosa, através de uma condição vaporosa ou aquosa. A umidade lunar presente em todos os corpos precisa ser secada, o que levou os filósofos gregos a declararem que "uma alma árida é sábia". Os Platonistas explicavam esta frase como significando que o domínio do princípio lunar levaria ao fim o reinado da corrupção, pelo qual todos os corpos são finalmente dissolvidos. A lua rege a geração física ou a perpetuação das formas perecíveis, porém o sol domina a geração espiritual, a criação de corpos incorruptíveis. O homem é progênie do fogo (o sol), água (a lua) e ar (o pássaro de *Thoth*). A tentação, pelo rei com a coroa dourada, sugere uma das dificuldades mais comuns da tradição alquímica. Aqueles que esforçam-se pela arte em muitos casos falham em sua busca pela sabedoria porque se tornam fascinados por sonhos de riquezas. O ouro material atrai o alquimista para longe de sua busca espiritual por iluminação e imortalidade.

SEÇÃO IV

(Figura 4). Sobre um altar formado pelas doze espirais de uma serpente alada enrolada em uma lança jaz a taça da Eternidade. O desenho é derivado da serpente cíclica freqüentemente usado em Ritos de Serápis. As doze espirais da serpente simbolizam o ano filosófico e o movimento espiral do sol pelas constelações zodiacais. Na preparação da Pedra do Sábio os elementos passam por doze estágios de incremento. Em cada um destes ciclos o poder da matéria é intensificado, fato que é sugerido pelo crescente tamanho das espirais da serpente. A figura também nos recorda o que os sábios chamam vórtice filosófico — a forma natural do poder da alma no corpo humano.

Em *Ísis Sem Véu*, H. P. Blavatsky escreve: "Antes que nosso globo tivesse se tornado ovóide ou redondo, ele era uma longa trilha de poeira cósmica ou névoa quente, movendo-se ou retorcendo-se como uma serpente. Isso, dizem as interpretações, era o Espírito de Deus movendo-se no Caos até que seu alento incubasse a matéria cósmica e a fizesse assumir a forma anelar * * *". Nos Oráculos Caldeus o Fogo Universal é descrito movendo-se com um movimento serpentino. O presente símbolo é a Sabedoria Universal movendo-se como uma serpente alada sobre a superfície do caos primitivo — isto é, o corpo incorrigível do neófito. O Ritual dos Mistérios Sabazianos incluía o desenho de uma serpente viva através do peito do candida-

to. No desenho a serpente está enrolada à volta da coluna vertebral — a lança — e forma um suporte apropriado para a taça da imortalidade.

Ao lado deste estranho altar está a espada adornada. Fracamente distinguíveis sobre sua bainha estão os antigos símbolos do olho, do coração e da boca, simbólicos das três pessoas da Trindade Criativa — vida no coração, luz no olho, alento na boca. A vida, a luz e o alento são as fontes de todas as coisas e de sua união no símbolo cruciforme o candidato tem que forjar a lança para sua proteção contra as trevas elementais. O símbolo do ciclo tem que ser superado pela sabedoria. Esta é "a espada da rápida decisão" com a qual o neófito Oriental tem que cortar os ramos serpentiformes da árvore banyan terrestre, o emblema dos ciclos auto-suficientes e da lei do renascimento. A serpente é a espiral da evolução; a taça contém o resplandecente oceano Nirvânico, no qual a alma finalmente submerge; a espada é a vontade iluminada — a mesma espada que resolve o enigma do Nó Górdio da vida cortando-o com um simples golpe.

As palavras misteriosas no painel superior transmitem esse pensamento. Traduzidas, significam: "Reverencie este vaso (a arca ou taça) da Eternidade; ofereça livremente de si mesmo uma porção para *IA* (*Iah* ou *Jah*, *Jehova*) e para o canto (ou ângulo) em redenção". Isto é derivado do simbolismo dos Caldeus, que consideravam a Causa Universal como o Senhor dos Ângulos.

Análise do texto

O candidato entra no local do fogo. Um grande mar de chamas (o mundo astral) estende-se em todas as direções, borbulhando e fervendo com uma fúria infernal. O Daemon ordena ao candidato que avance. Com sua mente fixa na Realidade, o discípulo obedece, para descobrir que o fogo perdeu seu calor, e caminha incólume no meio da conflagração. Ele encontra-se no Templo do Fogo Sideral, no meio do qual está a forma ouro-esverdeada da serpente com olhos de rubi e escamas lavradas. A natureza do fogo é claramente revelada, pois nos é dito que metade dele queima com uma vívida luz, enquanto a outra é sombreada e enegrecida. Aqui está a serpente da luz astral que, de acordo com Eliphas Levi, está enroscada em cada flor que cresce no jardim de *Kama*, ou desejo. O *yogi* em sua meditação conhece bem o significado da Casa do Fogo e da serpente que a guarda. Aqui o candidato descobre o significado do Espírito-Fogo Universal que, dirigido para baixo é a raiz de todo mal,

mas se é dirigido para cima, eleva todos os homens para a Sabedoria. A serpente ígnea tem que ser dominada. A espada está à mão, e com ela o candidato golpeia as espirais de latão. O latão é o metal composto, símbolo do corpo do homem, antes que seja reduzido pela filosofia a seus elementos básicos.

O Senhor do Mundo do Fogo é subjugado. Os sentidos estão controlados; os apetites estão sob o domínio de ferro da vontade. Raiva, ódio e orgulho foram exilados da alma. Os três fogos da ilusão extinguiram-se. A miragem completa da luz astral desaparece em meio a uma irrupção apavorada de som e cor. O candidato é elevado através das Abóbadas do inferno. Passa rapidamente pelos monstros que habitam os limites da intemperança. A espada cruciforme dispersa a multidão repugnante da escuridão. Para cima e para cima, pelas numerosas camadas do globo (as órbitas das estrelas interiores), o neófito sobe após seus três dias (graus) nas trevas do Hades. A pedra é removida e, por fim, com uma erupção de glória, ele surge à luz do dia — a região do ar onde habita a mente, que é a próxima a ser conquistada.

A filosofia alquímica é evidente. O espaço circular é um vaso de destilação que está no meio da chama da fornalha. A serpente representa os elementos dentro da retorta, e o candidato retrata outros elementos que tem o poder de dissolver e corroer a serpente. A elevação do candidato pelas paredes do globo aqui significa os vapores que, ascendendo pelo longo pescoço do vaso de destilação, escapam do inferno aquecido abaixo.

SEÇÃO V

(Figura 5). O estranho pássaro suspenso acima do fogo do altar é o Íbis sagrado, símbolo de *Thoth*, o deus egípcio da sabedoria e da literatura, e patrono da alquimia. É o volátil Mercúrio filosófico que só pode se manter em estado suspenso “quando está no meio das chamas”. Pelo Mercúrio filosófico devemos entender o princípio regenerado do intelecto — a mente que se tornou verdadeiramente luminosa pela chama da inspiração. Em seu bico o pássaro leva um ramo verde, a acácia da Franco-Maçonaria — símbolo de renascimento e imortalidade através da iluminação espiritual. Os pés pretos e asas também pretas significam o princípio terra; o corpo prateado, o princípio água; a cabeça vermelha, o princípio fogo; e o pescoço dourado, o princípio aéreo. Os corpos espirituais dos elementos estão assim unidos em uma criatura filosófica, o pássaro dos sábios — o *phoenix*.

Ao lado do pássaro e do altar está um castiçal trabalhado, com a base formada de serpentes enroladas (Ida e Pingala?). A parte superior do castiçal termina numa flor de lótus, da qual se eleva um círio aceso. Esta é a luz da alma, o brilho interno que revela o segredo do pássaro. Da mesma maneira que a existência interna do homem é iluminada por um sol externo, pelo qual ele percebe todos os interesses temporais, assim também sua existência interna é iluminada pela luz da alma, o esplendor da qual torna visível as atividades da mente divina dentro do homem.

A inscrição abaixo diz: “Ao forte é dado o peso”. Isso se refere à qualificação para o adeptado. As grandes verdades da vida podem ser concedidas somente àqueles que foram testados nas qualidades do caráter e da compreensão. No painel acima o leitor é instruído a “Acender um fogo num lugar alto, para que o sacrifício possa ser levado para cima até o Desejado”. O simbolismo é emprestado das cerimônias dos antigos Judeus. Sobre o altar de incenso queimado, um fogo estava continuamente aceso. Esse é o fogo da aspiração sagrada que consome os elementos degradantes do corpo e os transforma em qualidades da alma, simbolizadas pela fumaça do incenso, e essa ascende como evidência do pacto espiritual entre a humanidade aspiradora e seu Criador.

O painel à direita descreve a cerimônia que acompanha a formação do fogo sagrado. O da esquerda é parte de um ritual, em resumo como se segue: “Quando os anos desta existência tiverem passado, e a alma, expirando na morte, aproximar-se dos portões da imortalidade, possa o pássaro levá-la rapidamente para a morada dos sábios”. Nos ritos egípcios, a alma do iniciado partia na forma de um pássaro que é mostrado pairando acima do lugar onde jaz a múmia. O pássaro-alma com o ramo verde refere-se ao Ministério Messiânico mostrado no Livro dos Mortos. A Sabedoria confere imortalidade à alma. Sem sabedoria, a alma deve perecer com o corpo. Este é o segredo ritual do “Advento do Dia” ou a “Exalação de Ka”.

Análise do texto

O candidato agora experimenta o mistério do princípio aéreo ou intelectual. Ele é elevado para fora das profundezas subterrâneas por seu espírito guardião e levado para a atmosfera superior. Abaixo dele está o deserto. Atenção especial é dada a massas triangulares — as pirâmides. Um antigo manuscrito de nossa coleção afirma que os egípcios eram capazes de produzir a Pedra Filosofal sem

calor artificial, aquecendo a retorta na areia do deserto, que dava a temperatura exata para experimentos alquímicos. Aqui o deserto é símbolo para a aridez e improdutividade da consciência ainda não acordada. No universo físico os valores espirituais definham, ainda que no meio desta esfera mortal estejam as pirâmides, símbolos supremos da alquimia espiritual — templos de iniciação no deserto da espera. É significativo que a atmosfera do Egito seja peculiarmente útil para a perpetuação dos monumentos antigos do saber, pois quando removidos de seus antigos lugares rapidamente se deterioram. Assim a vida material, o deserto, é um laboratório natural no qual a química suprema é realizada através do sofrimento e aspiração.

A razão da elevação e queda do candidato através do espaço se refere às alternâncias das substâncias na retorta, passando por um ciclo de diluição e precipitação para serem finalmente expelidas pelo pescoço do vaso. Hermes usa esta figura para demonstrar o mistério do renascimento, a alternância periódica da alma de uma condição temporal para uma sideral, e sua liberação final pela iniciação. Alcançando a extremidade superior da esfera intelectual, o candidato é incapaz de continuar consciente e desmaia.

Após recobrar a consciência ele se acha vestido com uma vestimenta estrelada, a mesma descrita por Apuleius em seu *Metamorphosis*, e também usada pelos adeptos do Rito Mitraico. A vestimenta estrelada representa não só o corpo áurico mas também o novo aspecto universal do ser — a consciência sideral conferida pela experiência da iniciação. O candidato pode retornar à estreiteza de seu ambiente físico, mas nunca mais poderá reduzir sua consciência para as limitações do estado material. O corpo estrelado é seu intelecto regenerado e iluminado.

Os estranhos caracteres do nome do pássaro com o ramo verde, decifrados significam: "Será dada a vida" — isto é, imortalidade. O nome do altar se lê: "A Coroa, *Kether*" e é decifrado, "Quando será o portão de entrada". Juntos, as duas frases significam: "Imortalidade será conferida no portão da Casa da Sabedoria". O nome da tocha é luz; mas, traduzidos os caracteres dizem: "O dernier será escondido e esquecido". Essa moeda do profeta será compreendida no sentido do naipe das Moedas do Tarot, pois esse naipe representa o corpo material sobre o qual o símbolo tem domínio. A sentença então se lê: "O corpo do sábio será escondido". Este pensamento era fielmente seguido pelos antigos adeptos. As tumbas dos Iniciados nunca foram descobertas, e no famoso cemitério Rosacruciano o

lugar de descanso dos Irmãos é marcado apenas por uma Rosa. Durante as cerimônias de iniciação, que ocorriam nos mundos invisíveis, o corpo físico do neófito era escondido num lugar secreto onde nenhuma força perturbadora pudesse encontrá-lo enquanto a alma estivesse explorando os mistérios de Amenti. O corpo também representa aqui a personalidade e as esfera pessoal da vida que tem que ser posta de lado e esquecida; também o ego pessoal que tem de morrer ou ser enterrado para que o Eu Universal possa nascer de sua semente.

SEÇÃO VI

(Figura 6). O altar que nosso autor descreve como sendo composto dos quatro elementos é de forma triangular. Deste detalhe dois números sagrados são apresentados: o quadrado (quatro), mais o triângulo (três), é igual a sete; e os quatro elementos do altar multiplicados pelo triângulo é igual a doze. Disso a composição do mundo se torna aparente. A natureza é um arranjo triangular de quatro elementos; e o mundo divino, do qual o zodíaco é um símbolo adequado, consiste destes elementos multiplicados três vezes, ou em seus três estados primários. O altar é o corpo humano; suas partes materiais — o quadrado — estão dispostas em uma ordem espiritual — o triângulo. Sobre o altar estão os três símbolos do diagrama anterior. Eles estão colocados assim para formar um triângulo, e devemos entendê-los como sal, enxofre e mercúrio — corpo, espírito e alma.

No ar, acima do altar, está a cruz ansata, símbolo da geração e fecundidade. Pode ser considerada como o cobre — o metal de Vênus, e símbolo da energia reprodutiva da alma. Vênus é o Lúifer dos antigos, o portador da luz, a estrela do autoconhecimento. Este símbolo deve lembrar ao sábio que o poder de multiplicar é comum ao homem interno e externo. Como os corpos geram corpos, assim também o corpo interno, a alma, gera os arquétipos das personalidades. Pela alquimia, a sabedoria se perpetua aplicando a seus próprios propósitos as formas na esfera corporal.

A figura toda é símbolo da geração espiritual, o mistério de Melchisedek, que é seu próprio pai e mãe e está acima da lei. Ela mostra reenergização perpétua pelo uso da Pedra. Ela nos fala do próprio poder, que St.-Germain mesmo possuía, de perdurar de século a século por meio do Elixir sutil, cujo segredo era conhecido somente por ele mesmo e seus Mestres. Primeiro, as três partes do homem

composto — espírito, alma e corpo — devem ser levados a um equilíbrio, e deste equilíbrio nasce o *Homunculi* ou Homem de Cristal. Este Homem é um ego gerador imortal capaz de precipitar personalidades à vontade, ainda que não seja alterado nem limitado por estas personalidades. Em vez da alma vivendo no corpo e aprisionada por suas limitações, uma nova condição é estabelecida: o corpo vive na alma. Para o Adepto, a forma física é meramente um instrumento para expressão da consciência, inteligência e ação — representados pela vela, o pássaro e o altar flamejante.

Análise do texto

Esta parte contém alguns simbolismos dos mais belos do manuscrito todo. O candidato, tendo transcendido os quatro elementos, agora prossegue na região das causas superiores, onde é instruído nos grandes princípios Cabalísticos pelos quais a integridade universal é preservada. O palácio é a região arquetípica — o mundo das Idéias de Platão. As disposições geométricas revelam a harmonia divina.

As portas do mundo arquetípico abrem-se e o Hierofante da Ordem se aproxima. É Ele que era chamado o Mestre da Casa Oculta, o Iniciador, o Guardião das Chaves de Thoth. Alquimia é a religião do fogo, como é também o Zarathustrismo. O Mago, por essa razão, usa as insígnias de Zoroastro e fala na língua do Profeta do Fogo. Os nomes que o Hierofante dá ao pássaro, à tocha e ao altar são os mesmo dados na seção precedente.

Em companhia do Iniciador o candidato entra imenso templo, cujas trezentas e sessenta colunas não deixam dúvidas à sua identidade com o universo. O altar já descrito, sendo a causa tríplice da esfera material, é colocado no centro do grande salão. O Hierofante agora informa ao discípulo os novos nomes dos objetos sagrados. O pássaro é chamado *Ampheercha*, que é interpretado: a mãe portará a semelhança, ou imagem. Esta é uma referência à Imaculada Concepção e à Doutrina Secreta como a mãe dos adeptos. O nome do altar parece ser, uma palavra que representa um sacerdote mas se refere ao Iniciador, como aquele através do qual o discípulo nasce no segundo nascimento, ou filosófico, um mistério explicado mais integralmente no nome da tocha. O Salão é chamado Céu (o firmamento) mas envolve na formação de suas letras a advertência cabalística: "Adore a glória que está para vir". O altar triangular é *Athanor*, uma fornalha para cozimento auto-alimentada usada pelos alquimistas, mas a palavra pode ser dividida em duas. A primeira parte, então, significa imorta-

lidade e a segunda, os quatro quadrantes dos céus.

Os oitenta e um Tronos colocados dentro do Palácio do Céu, cada um em cima de nove degraus, são de grande significado. Os Mistérios Rosacruzianos consistiam de nove ritos ou degraus menores e três maiores — um sistema que pode ser traçado diretamente à Cabala. De Kether, a Coroa universal, surgem os nove Sephiroth e de cada um deles por sua vez surgem nove outros. Nove é o número sagrado do Homem, e na Cabala antiga, *Adam* (ADM) é o equivalente numérico de 1, 4 e 40 — números cuja soma é nove. O simbolismo do nove continua através da literatura mística. Os Mistérios Eleusinianos eram dados em nove cerimônias noturnas para representar os meses pré-natais. Por adição cabalística, oitenta e um equipara-se a nove, e os Tronos significam os oitenta e um ramos que crescem da grande Árvore do Mundo. As escolas dos Mistérios Menores são copiadas da harmonia universal e aqui vemos demonstrada a organização da Fraternidade secreta.

O nome do grande salão é repetido no texto como o local onde os veneráveis membros da escola entram e tomam seus lugares. O discípulo recebe seus nome filosófico. Ele é chamado o Sábio e as palavras significam: "Ser a Face ou Revelador do Mais Alto". Os nove mestres da loja então entregam seus presentes. O primeiro dá um cubo de terra cinza, representando o elemento terra; o segundo, três cilindros de pedra preta — as três fases da lua; o terceiro, um cristal esférico — Mercúrio; o quarto, um penacho de plumas azuis — Vênus; o quinto, um vaso prateado — o sol; o sexto, um cacho de uvas — Marte; o sétimo, um pássaro — Júpiter; o oitavo, um pequeno altar — Saturno; e o nono, uma tocha — as estrelas fixas. Para a compreensão do significado destes presentes, considere os seguintes fragmentos do Pimandro de Hermes relativos à encenação da alma através das nove esferas, e o retorno aos Senhores de cada esfera, dos presentes ou limitações que são impostas pelas leis da geração:

"Após a natureza inferior ter retornado à brutalidade (os elementos), a superior luta novamente para recuperar seu estado espiritual. Ela se eleva pelos sete Anéis, nos quais se sentam os Sete Regentes e restitui a cada um seus poderes inferiores, da seguinte maneira: No primeiro anel repousa a Lua, e a ela é restituída a habilidade de aumentar e diminuir. No segundo anel está Mercúrio, e a ele são restituídos as conspirações, o engano e a astúcia. No terceiro anel, Vênus, e a ela voltam a luxúria e as paixões. No quarto anel está o Sol, e a este Senhor são restituídas as ambições. No quinto anel encontra-se Marte, e a ele retornam a temeridade e

a ousadia profana. No sexto anel está Júpiter, e a ele se retorna o sentido de acumulação e riquezas. E no sétimo anel encontra-se Saturno, às Portas do Caos, e a ele retornam a falsidade e conspiração para o mal.

“Então, estando despida de todas as acumulações dos sete Anéis, a alma aproxima-se da Oitava Esfera, isto é, o anel das estrelas fixas. Aqui, livre de toda ilusão, ela mora na luz e entoia orações ao Pai numa voz que só os puros de espírito podem compreender.”

O nome do cubo de terra cinza se relaciona com o mistério do nascimento espiritual; o dos três cilindros negros é abnegação; o do cristal esférico significa o fim das idades ou ciclos; o das plumas azuis é Aquário ou Perna do Grande Homem; o do vaso prateado é o nascimento do espírito; o das uvas é regeneração; o nome do pássaro significa aquele que vive na luz ou verdade; o do altar, a frutificação da virtude ou bem último; e o da tocha “emergir para fora”, o Advento do Dia egípcio — a conclusão, o nono mistério. Que a tocha é realmente um símbolo da esfera das estrelas fixas e das camadas correspondentes da alma humana é provado posteriormente pelo fato de que o manuscrito nos diz que ela é composta de partículas brilhantes.

O mistério das nove partes da alma constitui a conclusão dos Mistérios Menores e o controle total das faculdades corporais, funções e poderes. Os três Mistérios Maiores estão além, e são ainda simbolizados pelo pássaro, a tocha e a luz. Os Mistérios Menores são rituais de autocontrole e purificação; Os Mistérios Maiores são rituais de criação. Em nove processos o homem purifica-se, mas somente a poucos são dadas as chaves do Mistério criativo tríplice: a criação da forma, a criação do pensamento e a criação da consciência. Antes de deixar a câmara de iniciação, o candidato bebe a Água da Vida, o néctar dos deuses, que é explicado pelos filósofos como representando o sangue do Logos ou o Sol — a energia divina que sustenta o eleito, e que está constantemente fluindo no *Graal* dos Mistérios. De acordo com os Gregos, os deuses não compartilham de comida mortal, são nutridos das fontes do Bem Eterno que nascem no meio dos mundos. Tendo dado o sinal secreto dos Adeptos, o novo Iniciado sai da câmara pela senda da mão direita.

SEÇÃO VII

(Figura 7). A chave para a sétima é equilíbrio, sendo esta a virtude conferida pelo sétimo signo do zodíaco, Libra ou Balança. Nosso autor nos diz que o tema central, dois pequenos círculos e uma cruz pendente, é um selo sagrado. Isso pode ser interpre-

tado como o enxofre celestial e o sal — o Sol e a Lua. A cruz suspensa é o Lapis Philosophorum dos elementos regenerados — sal (terra), enxofre (fogo), Mercúrio (ar) e *Azoth*, o éter (a água dos sábios). O Sol e a Lua são o pai e a mãe da Pedra do Filósofo. Representam o céu e a terra, dos quais é gerada a cruz — homem, a progênie dos dois agentes imortais, espírito e matéria. A cruz também significa o equilíbrio do homem, suspenso entre sua origem e seu destino. A disposição das figuras indica o Adepto no qual a união dos opostos foi efetuada. O Iniciado é o andrógino racional.

Circundando a parte central do símbolo estão dois círculos de figuras. O círculo interno é composto de caracteres cuneiformes; e o externo, de hieróglifos derivados de várias línguas antigas, arrumados de maneira interiramente arbitrária, e indecifráveis sem a chave original. O círculo de caracteres cuneiformes deve ser interpretado descobrindo-se os equivalentes hebreus das letras com ponta de flecha. O texto é aparentemente profético, e numa primeira leitura parece se referir à mudança cósmica que surge da inclinação da Balança celestial. Em realidade, todavia, os apontamentos tratam estritamente de mudanças que ocorrem na alma do Iniciado. O Hebreu-cuneiforme é traduzido como se segue, provavelmente sendo uma continuação do texto hieroglífico no círculo externo:

“E é a expiração da Eternidade. Conheça aquele lugar (signo ou símbolo, provavelmente uma constelação zodiacal) que é o fim (das idades). A Perna (Aquário, provavelmente se referindo ao ciclo ou idade de Aquário) é o início da destruição”. No ciclo zodiacal do adepto, Aquário é o símbolo da desintegração final da personalidade, pois além dele está somente Peixes, O Nirvana.

O manuscrito de St.-Germain também descreve um machado, não mostrado na ilustração. Este é o instrumento da separação, e combinaria exatamente com a interpretação da figura. Este desenho está suspenso entre dois pilares de mármore verde. Estes bem podem ser Jachin e Boaz da Franco-Maçonaria. Estudantes da Cabala se lembrarão da terceira coluna que une estas duas, e que, como o grande selo nesta figura, representa o Adepto cuja constituição perfeita une sabedoria e geração — a lei e os profetas.

Análise do texto

O Iniciado novamente assume os atributos da substância alquímica da qual a Pedra Universal será preparada. A seção inteira é devotada a processos de purificação, consistindo de três banhos. Como resultado do primeiro banho, a água no vaso de

aço se torna descorada com as impurezas desprendidas pela matéria filosófica. No segundo banho os elementos da Pedra são impregnados com um misterioso líquido avermelhado de uma qualidade extremamente corrosiva. No terceiro banho o princípio corrosivo é lavado. Estes três processos, que requerem dezesseis dias, purificam completamente a matéria, que então passa a seu próximo estágio.

De um ponto de vista místico, o vaso cheio de água cristalina é a fonte da purificação colocada no pátio do tabernáculo dos antigos Judeus. Os sumosacerdotes que serviam o Senhor tinham que limpar-se com a água da fonte antes que pudessem cumprir os sagrados deveres do seu ofício. A cerimônia do batismo é assim o símbolo externo da verdade interna. A Causa Absoluta de todas as coisas, em sua condição impressoal e totalmente difundida, era considerada como um vasto oceano preenchendo todo o espaço. O *Schamayim*, que é a divina água flamejante — a efusão da Palavra de Deus — procede da Presença divina. Dividindo-se no meio da distância entre o espírito e a matéria, ele se torna o fogo solar e a água lunar. Este *Schamayim* era conhecido pelos alquimistas como o Mercúrio Universal, e é chamado *Azoth*, o infinito Espírito da vida. Esta água espiritual flamejante original passa através do Éden (que em hebreu significa "vapor") e precipita-se em quatro rios principais — os elementos são as condições do Mercúrio Universal. Esta é a água de tingir, pela qual os justos são batizados. É desta água, o Mercúrio Universal, o solvente dos sábios, que o batismo espiritual é dado. Aquele que mergulhou nessa água, ou que recebe o *Schamayim* celeste dentro de si, torna-se limpo e purificado. Este *Schamayim* contém dentro de si mesmo o duplo batismo: seu poder lunar batiza com a água — o batismo dado por João, o Batista; e seu princípio solar batiza com fogo — o batismo Messiânico.

Os Iniciados dos antigos Mistérios, sendo elevados a uma condição apotéstica, recebiam o batismo divino. Eles eram mergulhados em Deus, e por essa imersão eram lavados da mancha negra do pecado original que, de acordo com Mohammed, está no coração de todo mortal. O *Schamayim* dos alquimistas é o Oceano Resplandecente dos Budistas, o oceano nirvânico ilimitado, a água do espaço constantemente iluminada com Deus.

O machado prateado com cabo azul, fixo à coluna, é chamado o destruidor; mas a tradução é: "Eleve a voz até sua plenitude no cântico. (Ou canção)". O machado é o antigo símbolo dos Construtores Iniciados, os "lenhadores". É também o emblema da separação ou divisão, e é uma figura apro-

priada para representar a separação através da purificação.

O signo de Libra, que governa a sétima operação do mistério filosófico, separa o hemisfério inferior do superior do zodíaco. É também o antigo signo da Páscoa, uma festividade que significava a passagem da vida de uma condição material para uma imaterial pelo batismo alquímico. As partículas grosseiras da alma eram lavadas, e a vida preparada para uma existência mais real.

SEÇÃO VIII

(Figura 8). No céu trilha o sol filosófico, e dentro dele a face do Logos. Seus raios estão ocultos pelas mesmas nuvens que sempre devem ocultar a Luz Divina dos olhos do profano. O Leão agora está coroadado, e sua coroa tem sete raios, simbolizando as sete energias da vontade. Este não é mais o leão tirânico da ilustração anterior. A ambição foi transmutada em aspiração; e aquele impulso que, irredutível, atrai os homens para a destruição temporal, é agora a força que confere coragem para a aventura espiritual.

O cacho de uvas simboliza a iluminação. Uma obra curiosa sobre alquimia afirma que a uva tem uma afinidade especial pelo ouro, e que quando parreiras são plantadas em áreas onde o ouro é abundante, as raízes da vinha absorvem as menores partículas deste metal precioso e as distribuem pelos falos, folhas e frutos. Em alquimia o ouro é símbolo do Princípio Supremo. O Nazareno comparava Seus discípulos e a Si mesmo com uma vinha e seus frutos. O cacho de uva é um símbolo adequado para a escola dos Adeptos, pois os Iniciados florescem juntos de um único ramo. Aqui há também uma sutil alusão ao sangue, que leva dentro de si as partículas douradas do sol. O leão e as uvas expõem de uma nova maneira a antiga fórmula — sabedoria e geração.

Os painéis de caracteres em ambos os lados do braseiro contém fragmentos de velhos rituais e textos de Mistério. O da direita diz: "Acenda uma luz na hora certa — a sétima hora do amanhecer". A isso se segue uma obscura referência ao advento do fogo no sol forte (meio-dia) e o painel conclui com a advertência: "Dance em círculo e profetize".

O painel da esquerda também descreve uma cerimônia: "Honra é prestada ao Doador da Vida". O Iniciado é advertido a sacrificar seu *Ka* ou alma. O no 9 aparece, e também o símbolo da arca ou caixão no qual os candidatos são enterrados, nos Mistérios. Então surge a face completa do Sol, para representar a ressurreição. Há uma alusão ao portão

dos céus e a ascensão de *Ka*. Com a ajuda da metafísica egípcia, não é difícil decifrar estes símbolos. O nº 9 refere-se aos 9 Mistérios Menores associados com o caixote ou caixão — o corpo. A face-sol é a ressurreição, e o painel inteiro descreve a passagem da alma (*Ka*) através dos mundos invisíveis, como mostrado no simbolismo dos Ritos da Pirâmide. Este é apropriadamente colocado na oitava divisão do manuscrito, apesar de que o oitavo signo do zodíaco seja Escorpião e era, num certo grau, desde signo que os altos sacerdotes liberavam o *Ka* de seus discípulos no *Amenti*.

Análise do texto

A oitava seção do manuscrito é bastante devotada à compreensão do mistério do sal alquímico. Deste mistério da alquimia Eliphas Levi escreve: "Separar o sutil do grosseiro *** é liberar a alma dos preconceitos e (de) todo vício, o que se consegue pelo uso do Sal Filosófico, quer dizer, Sabedoria; do Mercúrio, isto é, habilidade pessoal e aplicação; e finalmente do Enxofre, representando a energia vital e o fogo da vontade. Através destes elementos somos capazes de transformar em ouro espiritual as coisas menos preciosas de todas, mesmo o refugo da terra". O Sal dos sábios é a sabedoria derivada da experiência, pois a experiência é o Sal da mundanidade, ou estado material, e um homem sábio é o sal da terra. Em nosso manuscrito o sal é chamado "o primeiro entre os regenerados". Quando o Iniciado se impregna com sal, é o mesmo que dizer que ele torna a sabedoria parte de si mesmo. O sal é o preservador dos corpos, assim como a sabedoria é a preservadora das almas. A decadência não pode afetar aquele que descobriu o sal do homem sábio.

Deixando o salão circular e o monte de sal branco e brilhante, o Iniciado se aproxima da beira de um lado sombrio, e percebe à distância uma ponta chamada "o forte a ser subjugado". O termo também significa um refletor ou uma sombra suspensa acima do lago, e indica a Ponte do Arco-Íris, a *Bifrost* dos Escandinavos — a ponte que leva da terra até Asgard, o paraíso terrestre onde moram os doze Ases, os Hierofantes do mundo.

O oitavo signo do zodíaco é escorpião, bem representado pelas águas negras e sombrias. O signo de Escorpião era especialmente venerado pelos Rosacruz, que realizavam alguns de seus rituais somente quando o sol estava nesta constelação. Com grande dificuldade o Iniciado abre seu caminho através do pântano de Escorpião para alcançar o grande tempolo de Sagitário que surge à frente e acima.

SEÇÃO IX

(Figura 9). Como essa seção significa Sagitário, é bastante apropriado que uma figura de cavalo apareça no simbolismo. O Cavalo de Tróia, ocultando dentro de seu corpo o exército de conquistadores gregos, representa a força oculta a força oculta desta constelação, pela qual os troianos (o mundo material), lutando para defender Helena (o princípio lunar), são finalmente subjugados. Na Astrologia a nona casa, que corresponde a Sagitário, é a casa da classe sacerdotal, o clero, ou os Mistérios. O cavalo oco com os homens dentro é, por esta razão, o templo e seus Adeptos.

Na nossa figura se faz uma aplicação não usual deste simbolismo. Um cadáver está caindo de dentro do cavalo. O corpo físico não pode ir além o 9º grau, por isso aqui ele tem de ser descartado. A forma não pode ir além — o cadáver é descartado do templo.

O texto árabe no alto da gravura diz: "Aquele que está oculto será trazido à vista" ou "as coisas ocultas (pecados) serão descobertas". O texto cuneiforme consiste no seguinte: "O portão do final (acabamento ou conclusão) quando a Perna ou o Barqueiro voltar-se no círculo (O equinócio em Aquário)". Na estrutura parecida com um caixote está escrito: "Os poucos escolhidos — quantos são? Quarenta que com amor fraternal reuniram-se para os quatro quadrantes e o Pássaro. Aquí embaixo (na esfera mortal) será mantida (reunião ou assembléia) até que em seu lugar esteja o advento no quarto quadrante (Aquário)". As letras grandes MB referem-se ao processo alquímico por meio do qual a mortificação e destruição do corpo é efetuada. As letras floreadas são palavras a ser completadas pela adição de outras letras. Quando isso tiver sido feito, a sentença dirá: "Procure pelo Senhor todo-poderoso que é o guardião da Árvore da Vida". Na metade inferior da figura um homem vestido de vermelho está tentando restituir a vida a um cadáver. Este é o fogo (ou ferro) tentando reviver as cinzas, um emblema alquímico.

Análise do texto

No 9º passo do ritual, o Iniciado está face-a-face com o último grande inimigo — a morte, que deve ser experimentada, compreendida e subjugada. Na escuridão da grande câmara com suas paredes de ébano ele distingue o estranho Cavalo de Tróia. Aqui está a putrefação, o fim de toda ignorância e o portão da vida. O Iniciado passa nove dias na contemplação deste Mistério, e está para pegar um

pouco da substância repugnante e desintegrada amontoada num canto, quando é avisado por uma voz invisível que a hora ainda não chegou.

Em Sagitário, o 9º signo do zodíaco, a teoria da filosofia é aperfeiçoada; o mundo foi criado em seis dias mas a Arte é aperfeiçoada em nove. Hermes assim escreve: "Todavia essa multiplicação (o aumento da Pedra Filosofal) não pode ser levada *ad infinitum*, mas se completa na 9ª rotação; pois quando esse extrato revolveu nove vezes não pode mais ser levado adiante, porque não admitirá nenhuma separação posterior". Após a teoria vem a prática, após o processo vem o uso. O Adepto, compreendendo que já possui o poder de impregnar a matéria, experimentaria com a terra negra decomposta na 9ª câmara, mas é prevenido para não fazê-lo. Ele ainda deve receber as três Grandes Chaves, pois o poder de executar a transmutação é imperfeito até que a visão espiritual revele os objetivos apropriados que o Adepto deve executar.

Após deixar a casa da putrefação o Iniciado observa que seu manto mudou de cor, tornando-se por fim num bonito verde. Essa é uma alusão direta à fórmula alquímica. É-nos dito que durante o processo de cozimento a substância alquímica muda de cor, o que fez com que fosse chamada de pavão, devido à iridescência durante um dos períodos de seu cozimento. As várias vestimentas coloridas usadas pelos vários graus de sacerdotes antigos representavam estágios de desenvolvimento espiritual. De acordo com a mesma regra, na preparação da Pedra do Homem Sábio, a substância ordinária passa por um espectro filosófico, mudando de uma cor para outra, de acordo com o objetivo que o operador deseja conseguir.

As três palavras misteriosas que encerram esta seção fazem com que a última sentença seja assim traduzida: "O nome do *Hall* é corrupção. O nome do primeiro lago é o início da corrupção, e o nome do segundo lago, o fim da corrupção". As três palavras cifradas, quando unidas significam: "Corrupção é o início da decadência e corrupção é seguida pela morte". No aperfeiçoamento da Pedra do Homem Sábio é que foi descoberto que é impossível unir os vários elementos em novos modelos fundamentais até que cada um tenha sido reduzido à sua condição mais simples e original. Esta redução, ou a destruição da personalidade dos elementos, é a corrupção filosófica que, realizada pela Arte, destrói todas as diferenças aparentes nos materiais alquímicos, e torna possível uma mistura perfeita de seus princípios para resultar na formação da Pedra Divina. Misticamente, a morte filosófica é a destruição dos numerosos aspectos da personalidade, para

que da alma e suas extensões (os elementos divinos) possa ser formada a Alma Diamantina da Rosa-Cruz.

SEÇÃO X

(Figura 10). Um homem numa vestimenta verde margeada em ouro, e portando uma lança, está se elevando, no meio de nuvens vaporosas, de um sarcófago aberto. Acima da figura humana está suspensa uma coroa dourada de luz. A cena toda simboliza o renascimento anual do Sol no 10º signo zodiacal — o solstício de inverno em Capricórnio. Como o 10º mês do ano filosófico, este hieróglifo mostra o primeiro dos três Mistérios Maiores, que são presididos pelas constelações de Capricórnio, Aquário e Peixes.

Esta figura representa a vitória final da alma espiritualizada sobre as limitações da tumba corporal. A vestimenta verde revela o Adepto vestido com sua alma iluminada, que está sob o governo de Vênus. O peitoral mostra letras cifradas que significam VIDA. O Iniciado conseguiu imortalidade. Para ele a tumba estará para sempre vazia. Ele se tornou um daquele pequeno grupo de iluminados "a quem a morte esqueceu".

Os caracteres arábicos na tampa do caixão advertem os Eleitos de que eles deviam apoderar-se de um certo mistério não designado "quando o sexto signo ou idade for o alento". Estas palavras evidentemente se referem a partes de um ritual. Aquilo que será apreendido é o "segredo-mestre da alquimia". A tumba é também o local do sepultamento do mestre a magia cujo *dernier* (ou corpo) estava oculto, de acordo com uma figura anterior. Em um dos primitivos livros Rosacruz se descreve uma prática curiosa dos Irmãos. Consta que eles periodicamente se retiravam para dentro de seus ovos de vidro, onde repousavam por um certo número de anos, após o que, rompiam a casca e emergiam novamente. Esta alegoria alude ao afastamento periódico dos Mistérios da sociedade e seu reaparecimento após certo tempo". Pela inscrição somos levados a deduzir que os períodos, durante os quais a Fraternidade secreta surge da obscuridade, são regulados pelos ciclos astronômicos do zodíaco. Podemos ler nos símbolos, "Quando o sexto signo for doador da vida, Eu surgirei".

Os hieróglifos do painel no alto da página descrevem a ressurreição filosófica. Eles dizem, em essência: "Se libertará com uma aclamação de júbilo quando a emanção do Espírito Santo descer". Há também menção de um pacto de sangue com o Uno no momento do quarto quadrante, quer dizer,

o Barqueiro com a Face (Aquário).

Análise do texto

A morte é seguida pela ressurreição. O homem deve morrer muitas vezes para que finalmente consiga a imortalidade. A borboleta que decora os portais do palácio de alabastro indica claramente que o mistério do renascimento é o assunto da décima iniciação. “Os três estágios, através dos quais passa a borboleta em seu desenvolvimento correspondem aos três graus da Escola dos Mistérios, que completam o desenvolvimento do homem dando-lhe asas simbólicas para que possa elevar-se nos céus. O homem incorrigível, ignorante e desamparado, é simbolizado pelo estágio entre o ovo e a larva; o discípulo, à procura da verdade e vivendo em meditação, pelo segundo estágio, da larva à pupa, e neste momento o inseto entra na crisálida (a tumba dos Mistérios). O terceiro estágio, da pupa ao imago (dentro do qual a borboleta surge) simboliza a alma desenvolvida e iluminada do Iniciado, elevando-se da tumba de sua natureza ordinária”. (Ver minha *Encyclopedic Outline of Symbolical Philosophy*). O tríplice mistério da borboleta é sugerido mais à frente pela colunata tríplice, separada por corredores e galerias.

O nome enigmático do *hall* indica que ele simboliza o ciclo da vida e a esfera de retribuição. Traduzido diz: “Na emanção do Todo-Poderoso (os opressores ou adversários) serão encarcerados e subjulgados”. Von Welling, em seu *Opus*, descreve como os anjos rebeldes — os espíritos elementários — foram aprisionados nos tenebrosos elementos do universo material como punição por sua rebelião. Alquimia, então, é a arte de purificar estes rebeldes e restituí-los ao seu estado celeste original.

SEÇÃO XI

(Figura 11). Como a décima ilustração representa a libertação final do Homem Divino de suas limitações físicas, assim a décima-primeira retrata a tentativa do intelecto de escapar a qualquer união com a alma animal. O homem forte com o cinto e elmo de ferro, e o penacho de plumas vermelhas, é o Demiurgo ou Regente do mundo físico, o governador dos sentidos e apetites. Ele está tentando acorrentar o intelecto espiritualizado à rocha da ignorância. O belo jovem portando o caduceu é o intelecto filosófico. O domínio do pensamento, que torna a mente serva do eu espiritual, é o décimo-primeiro passo do rito antigo.

O universo fenomenal inteiro contra o qual o neófito lutou através de suas onze aventuras, estranhas e árduas, é personificado no homem com plumas vermelhas. Aqui o mundo está fazendo seu último esforço para agarrar o super-homem em fuga. O esforço é em vão. Nenhuma corrente forjada na terra pode reter ou prender o Mercúrio Filosófico. Diz-se que nos processos alquímicos essa essência sutil pode infiltrar-se através de um vaso de ferro (o guerreiro) — ou através do ferro e da porcelana — e desaparecer, apesar de todos os esforços para apreender sua quintessência.

A décima-primeira figura contém numerosos e extraordinários hieróglifos. Os caracteres no escudo incluem uma segadeira e um cetro cruzado — significando morte e ressurreição, ou mortalidade e soberania. Há também o machado (sem o cabo), o hieróglifo do lenhador, o construtor, ou o geômetra. Os hieróglifos menores significam o ovo e a caverna, e o crescente lunar pode simbolizar tanto uma fase lunar quanto um portão. Inquestionavelmente estes símbolos se referem a passos no drama iniciático.

As palavras no painel, no alto da figura, podem ser traduzidas: “Ser o signo da Perna com a Eternidade, emanar e ser mensageiro da destruição”. Esse pensamento é evidentemente profético, referendo-se à destruição dos injustos no signo de Aquário, a constelação que governa a décima-primeira seção do trabalho.

O escrito abaixo da figura é puramente místico: “É determinado que o mal será apagado no sexto pórtico”. A alma, em seu ciclo espiritual de regeneração, cruzado hemisférico inferior para o superior do zodíaco ao final do sexto signo, Virgem, ou a Virgem Maria. Esta Virgem é a mãe dos Messias. Como a geração física começa em Áries, assim a geração dos sábios começa com a Mãe (os Mistérios) de quem eles nascem no hemisfério celestial. A condição antiga não pode prosseguir além do sexto portão, pois o sétimo é o do novo homem ou o segundo nascimento — um mistério aludido em nossa inscrição.

Análise do texto

O Iniciado, partindo do palácio da ressurreição, vê esvoaçando ante ele o misterioso pássaro *Ampheercha*, que agora, contudo, tem asas de borboleta junto às suas. O significado cabalístico do nome da ave é: “A mãe deveria exibir a semelhança”. A energia intelectual do Íbis Hermético é aperfeiçoada agora pelo poder da alma, representado pelas asas diáfanas da borboleta. Apuleius criou o

mito de Psiche como um método para demonstrar o Casamento Hermético ou a união da razão com a alma aperfeiçoada. Esse é o segundo Grande Mistério: a consumação do andrógino filosófico, no qual os princípios masculino e feminino da sabedoria — representados pelo íbis e a borboleta — estão unidos em uma criatura.

Ao Iniciado é dito que agarre a prenda a ave simbólica. Por nove dias (graus) o adepto persegue a ave, até que finalmente força-a a entrar na torre chamada corrupção. O simbolismo então continua, agora em termos alquímicos. A torre é um vaso para mais um cozimento, através do qual os elementos devem passar antes da perfeição final. O Iniciado finca um prego de aço nas asas da ave. O nome do prego é uma advertência para realizar a operação rápida e completamente. A ave é, pois, crucificada na roda, como foi a pomba de Semiramis, ou Ixion. O nome do martelo significa vir e se manifestar, uma alusão à força da vontade que tem que realizar essa operação final.

Alquimicamente, a substância representada pela ave começa a brilhar na retorta. A qualidade luminosa anuncia que o poder da alma da pedra está começando a brilhar triunfantemente e que as árduas operações do alquimista estão para ser recompensadas.

O Iniciado parte. Tendo completado o décimo-primeiro Mistério e fixado o poder da ave-alma para que não mais fuja dele, ele passa entre dois grandes pilares, e encontra-se novamente no Salão da Sabedoria.

SEÇÃO XII

(Figura 12). A peregrinação do Adepto está, enfim, terminada. Nos céus brilha o sol filosófico — um triângulo circundado por um círculo e um quadrado, representando a união dos elementos diversificados da natureza em um poder divinamente radiante e fulgurante. A figura feminina é Ísis — e seu corpo não está mais oculto pela vestimenta negra como na segunda figura. Ela é a Natureza. Com uma mão ele aponta para cima em direção à Luz Divina que é sua própria Fonte, enquanto que com a outra ela segura três globos, simbólicos da perfeição da Arte, a suprema Alquimia Hermética. Os globos contêm as três partes da Pedra Filosofal, ligados por correntes de ouro.

O "homem forte e alto" é o Iniciado. Através das malhas de sua armadura dourada ressalta-se a roupa azul, sua capa estrelada. Em sua mão leva uma vara branca ornamentada com caracteres mágicos. Esta é a insígnia de seu grau, o bastão de co-

mando do Adepto.

O momento para o décimo-segundo e último passo na Iniciação é chegado. A coroa que estava previamente nos céus está agora em cima do elmo do Iniciado. Ísis salta no ar, elevando com ela o novo Mestre. A Natureza, a destruidora cruel do ignorante, é a serva graciosa do sábio. Levado pela própria Natureza, e levantado por ela de um estado terrestre, o Homem Sábio eleva-se na presença dos três Mestres da Loja Universal cujo Sol radiante brilha no firmamento.

No décimo-segundo signo zodiacal, Peixes, o Nirvana é realizado, a Pedra é projetada, os segredos da Natureza são revelados, e o Iniciado voa para cima com a declaração triunfante dos Mestres: "Consummatum Est".

Análise do texto

O Iniciado identifica-se novamente com a matéria alquímica e entra na retorta de cristal que repousa numa fornalha de areia, que a mantém numa temperatura constantemente moderada. O nome do lugar é "O local onde as gotas pingam". A bacia que a sustenta é "o deserto do fogo resplandecente", ou "o agente que permite às gotas escaparem". Vapores estão constantemente ascendendo do fundo da retorta de cristal. O Adepto é elevado e após trinta e seis dias chega à parte superior do globo. Com a temperatura se reduzindo ele desce, e descobre que a cor de seu manto mudou de verde para o vermelho brilhante. "A solução da retorta alquímica, se cozida por certo tempo, se transformará em um elixir vermelho, que é chamado o Remédio Universal. Ele se parece com água ígnea, e é luminoso no escuro". (Ver "*True Way of Nature*", por Hermes).

O Adepto em si mesmo é agora o Remédio Universal. Ele é a própria substância usada na cura das nações. Sua vestimenta carmesim é a vestimenta do Elixir Vermelho. Ele se tornou o Diamante-Rubi. Após observar atentamente uma figura hieroglífica, pela qual sua instrução e aperfeiçoamento é completada, o novo Mestre da Grande Obra encontra-se no Salão dos Tronos na Casa do Homem Sábio.

Ele nota a ave, o altar e a tocha unidos em um corpo espiritual. O céu, a terra e o homem se uniram pelos elos indissolúveis da Sabedoria Hermética. A projeção da Pedra é o teste final da conclusão da obra. O Adepto golpeia o sol dourado, transformando-o em fragmentos. Em seu papel de Diamante-Rubi o Iniciado então toca cada pedaço quebrado, e eles se tornam sóis tão gloriosos quanto o original. O sol aqui representa a semente do Ouro Uni-

versal ou a divindade presente em toda a natureza. Ele é quebrado em pedaços, em concordância com a tradição de Baco de que a energia solar era distribuída por toda a natureza. O filósofo então toca os fragmentos, e cada um se torna perfeito. O alquimista é mestre em sua Arte, e pela virtude da Pedra ele liberta e aperfeiçoa os fragmentos da divindade aprisionados dentro de cada constituição mortal.

O Juiz supremo de todas as obras decreta que o Adepto completou a regeneração e que a obra está

perfeita. Os filhos da luz—sesu irmãos Iniciados—se apressam em felicitá-lo. Os portões da Vida Universal estão abertos, o véu de mystea está levantado. O Adepto é agora um esportes — o que vê claramente. Os espíritos elementais, simbolizando as limitações corporais, reconhecem a autoridade dos princípios internos. O nascimento filosófico está completo. As idades reconhecem um novo Mestre.

Manly P. Hall



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5

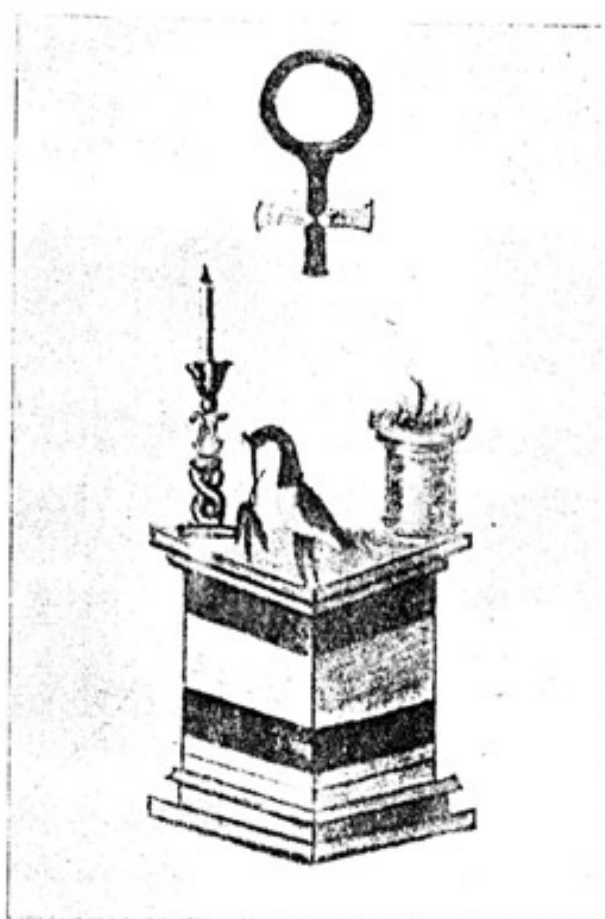


Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12